

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

MARCOS VINICIUS LOURENÇO NUNES

**A emergência ontológica do Ser.com: análise do
corpo e alma em Pierre Lévy e Heidegger**

SANTOS – SP

2011⁰

Formatado

MARCOS VINICIUS LOURENÇO NUNES

A emergência ontológica do Ser.com: análise do corpo e alma em Pierre Lévy e Heidegger

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento De
Ciências da Saúde - Campus
Baixada Santista - da Universidade
Federal de São Paulo como parte
das exigências para a obtenção do
título de psicólogo

Formatado: Justificado

Área de Concentração:
Psicologia

Orientador:
Prof. Dr. Fernando de Almeida
Silveira

SANTOS – SP

2011

FICHA CATALOGRÁFICA

Nunes, M. V. L.

A Emergência Ontológica do Ser.com:
Análise do Corpo e Alma em Pierre Lévy e
Heidegger, 2011

74p.

Monografia, apresentada ao Curso de Psicologia da
Universidade Federal de São Paulo, Campus Baixada
Santista, São Paulo.

Orientador: Silveira, F. A.

A Emergência Ontológica do Ser.com:
Análise do Corpo e Alma em Pierre Lévy e
Heidegger, 2011

74p.

Monografia, apresentada ao Curso de Psicologia da
Universidade Federal de São Paulo, Campus Baixada
Santista, São Paulo.

Orientador: Silveira, F. A.

1. Corpo/Alma. 2. Pierre Lévy.
3. Heidegger. 4. Virtual.
5. Subjetivação. 6. Psicologia.

Nome: NUNES, Marcos Vinicius Lourenço.

Título: A Emergência Ontológica do Ser.com: Análise do Corpo e Alma em Pierre Lévy e Heidegger.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento De
Ciências da Saúde - Campus
Baixada Santista - da Universidade
Federal de São Paulo como parte
das exigências para a obtenção do
título de psicólogo

Formatado: Justificado

BANCA EXAMINADORA

Orientador

Prof. Dr. Fernando de Almeida Silveira

Membro convidado

Profª. Drª. Lara Cristina D'Ávila Lourenço

Examinado e Aprovado em: ____/____/____.

Formatado: Justificado, Recuo: À esquerda: 6 cm,
Espaçamento entre linhas: simples

Dedico este trabalho a todas as pessoas que fizeram parte deste processo criativo, seja de forma direta ou indireta: meus pais, minha família, meus amigos de longa data, minhas amigas que ganhei durante a formação acadêmica, meu orientador. Faço uma dedicatória especial para aquelas pessoas que acreditam na contemporaneidade enquanto re-significadora das maneiras de se pensar o homem em seu binômio corpo-alma, em seu âmbito social, artístico, enfim, em todos os vértices possíveis.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Fernando de Almeida Silveira, por ter acreditado neste trabalho, mesmo quando ainda apenas uma simples idéia; pelas orientações generosas, pelas partilhas intelectuais sempre muito pertinentes, pela confiança que depositou em mim durante todo este processo de aprendizagem.

À UNIFESP, por ter me proporcionado uma nova visão de mundo, por ter ajudado a desenvolver minhas potencialidades como ser humano, as quais serão refletidas no futuro âmbito profissional como psicólogo.

A todos os professores que fizeram parte desta longa jornada, por fazerem parte deste processo de criação e consolidação de uma universidade nova; processo que demanda muita energia e dedicação, mas que se torna recompensador ao final de tudo.

As minhas amigas que adquiri no decorrer da formação, por terem me mostrado novas formas de enxergar o mundo, por terem me ensinado muitas coisas sobre a vida - as quais nunca esquecerei -, por terem me transformado em uma pessoa melhor, por me mostrarem o significado da palavra amizade.

Aos meus amigos de longa data, porque mesmo que a distância nos impeça de um contato mais próximo algumas vezes, jamais me esquecerei dos momentos de alegria e afeto aos quais passamos juntos, sabendo que ainda mais há por vir; por todas as demonstrações e ensinamentos do que significa o real sentido da palavra amizade.

Aos meus pais – Manuel Lameiro Nunes e Marluce Lourenço Nunes -, por todas as demonstrações de amor e carinho, por todos os ensinamentos que me proporcionaram e continuam me proporcionando, por todo o amparo possível nos momentos mais difíceis, por todas as conversas que a vida nos forneceu – além daquelas que ainda estão por vir -, pelos exemplos de dignidade e honestidade que me abastecem a cada manhã; em suma, por tudo que sou.

Formatado: Fonte: 14 pt, Negrito

Formatado: Alinhamento vertical: Inferior

Formatado: Justificado

Formatado: Expandido por 1 pt

Formatado: Expandido por 1 pt

Formatado: Expandido por 1 pt

Formatado: Expandido por 1 pt

Formatado: Expandido por 1 pt

Formatado: Expandido por 1 pt

Formatado: Expandido por 1 pt

Formatado: Expandido por 1 pt



"Uma coisa é certa: vivemos hoje em uma destas épocas limítrofes na qual toda antiga ordem das representações e dos saberes oscila para dar lugar a imaginários, modos de conhecimento e estilos de regulação social ainda pouco estabilizados. Vivemos um desses raros momentos em que, a partir de uma nova configuração técnica, quer dizer, uma nova relação com o cosmos, um novo estilo de humanidade é inventado"

(Pierre Lévy, 1993; p. 17).

Formatado: Não Expandido por / Condensado por

Formatado: Fonte: 14 pt, Negrito

Formatado: Justificado, Recuo: À esquerda: 6 cm, Espaçamento entre linhas: simples

Formatado: Fonte: Negrito

Formatado: À direita, Recuo: À esquerda: 6 cm, Espaçamento entre linhas: simples

Formatado: Fonte: Negrito

Formatado: Fonte: 12 pt, Não Negrito, Itálico

RESUMO

NUNES, M. V. L. **A emergência ontológica do Ser.com: análise do corpo e alma em Pierre Lévy e Heidegger**. 201 ~~10~~. ~~7465~~ f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Departamento de Ciências da Saúde – Curso de Psicologia. Universidade Federal de São Paulo, 201 ~~10~~.

O trabalho filosófico-tecnológico de Pierre Lévy tem destacado a idéia da Internet e suas virtualidades como transformadoras do mundo e da constituição do “eu”. Através de sua obra “O Que É O Virtual?”, Lévy ressalta aspectos relativos ao virtual no âmbito filosófico: seu cerne semântico e evolução humana pelo virtual. Em “Cibercultura”, o foco é o virtual como vertente tecnicista, tendo desmembramentos antropológicos ao longo da escrita, como o impacto das novas tecnologias sobre a construção do homem. Heidegger, por sua vez, visa o encontro daquilo que nomeia de Verdade do Ser, objeto fundamental e primado da filosofia. Em sua “Carta Sobre O Humanismo” responde às indagações sobre o significado do humanismo após duas guerras mundiais sucessivas e vê que seu estudo não seria humanista, pelo fato do homem não ser o objetivo essencial, e sim, o Ser e sua Verdade. A partir de tais análises, procura-se investigar as possíveis e hipotéticas mudanças de concepções sobre o Ser, nos livros “O Que É O Virtual?” e “Cibercultura” de Pierre Lévy, fundamentadas principalmente na relação corpo-alma, mergulhadas na conexão virtual como remodelação dos limites corpóreo-mundanos, culminando no *ponto de emergência de uma nova ontologia* que abarque este Ser contemporâneo, tendo como contraponto – crítico e complementar - a noção de Ser e Verdade em Heidegger no seu livro “Carta Sobre O Humanismo”. Além destas obras, “Ser E Tempo – Parte I” de Martin Heidegger será utilizado como alicerce contextual nas questões do Ser e dos existenciais heideggerianos;

Palavras-chave: corpo-alma/Pierre Lévy/Heidegger/Psicologia/virtual/subjetivação.

ABSTRACT

NUNES, M. V. L. **The ontology emergency of Being.com : analysis of body and soul on Pierre Lévy and Heidegger.** 2011. 7465 f. Work Of Course Conclusion (College Graduation). Health's Science Department – Psychology's Course. Universidade Federal de São Paulo, 2011.

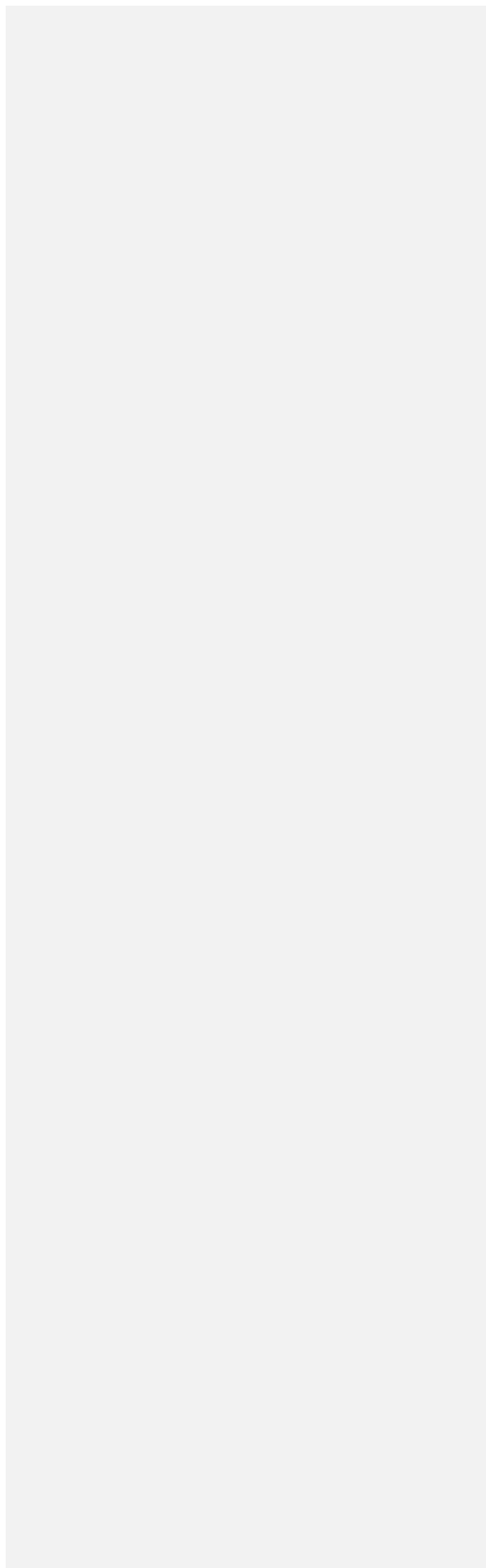
The tech-philosophical Pierre Lévy's work highlights the idea of Internet and your virtualities for how it used to be as a world develop and as a makeup of "self". Through "Becoming Virtual: Reality In The Digital Age", Lévy jut out relative aspects of virtual in the philosophic field: your semantic core and the human evolution by the virtual. In "Cyberculture", the focus is the virtual by the technique conception, with anthropologics correlations across the work, like the impact of the new technologies on the human construction. Heidegger, by the way, looks to the meeting about the Truth of Being, the crucial object of philosophy. His "Letter On 'Humanism'" answers the question about the meaning of humanism after two successive world wars and reflects that your study doesn't be humanist, for the fact that the human isn't the essential object, but the Being and your Truth it is. Start, from this analysis, a following investigation for the potential and hypothetic changes conceptions about the Being, on Pierre Lévy's books "Becoming Virtual: Reality In The Digital Age" and "Cyberculture", well-founded mainly on the relationship between body and soul immersed on virtual connection as a re-molding for the worldly-bodily limits, culminate on *an emergency point of a new ontology* that surrounds this contemporary Being, with the conception of Being and Truth on Heidegger's work "Letter On 'Humanism'" as a critic an complement counterpoint. Besides that, "Being And Time – Part I" by Martin Heidegger will be used as a contextual base for the questions of Being and the existence analysis.

Keywords: body-soul/Pierre Lévy/Heidegger/Psychology/virtual/subjectivation.

|

6

|



SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 SOBRE A PROPOSTA DESTE TRABALHO	17
1.2 A APLICAÇÃO DESTE ESTUDO NO CONTEXTO DA PSICOLOGIA	18
1.3 SOBRE O MÉTODO DESTA PESQUISA	19
1.4 SOBRE OS AUTORES PESQUISADOS	20
2. REAL, POSSÍVEL, ATUAL E VIRTUAL: O QUADRÍVIO ONTOLÓGICO	28
2.1 CARTOGRAFIA DO QUADRÍVIO	28
2.2 A DIALÉTICA DE QUATRO PÓLOS	29
3. O CORPO ENQUANTO ATUALIZAÇÃO DE UMA POTÊNCIA VIRTUAL	32
3.1 OS CONCEITOS DE DESTERRITORIALIZAÇÃO, HETEROGÊNSE E EFEITO MOEBIUS	32
3.2 O CONCEITO DE HIPERCORPO	34
3.3 SOBRE A QUEBRA DOS LIMITES CORPORAIS	36
4. ENUNCIADO SOBRE OS PRINCIPAIS EXISTENCIAIS E OS QUESTIONAMENTOS SOBRE O SER PRESENTES NA FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL E HERMENÊUTICA DE HEIDEGGER	39
4.1 INTRODUÇÃO	39
4.2 ALGUNS EXISTENCIAIS DA OBRA DE HEIDEGGER	40
4.3 ANÁLISE SOBRE O SER EM HEIDEGGER	43
5. DIÁLOGOS SOBRE A EXTERNALIDADE DA ALMA	48
5.1 A EXISTÊNCIA E AS SUAS SIGNIFICAÇÕES	48
5.2 A EXISTÊNCIA E A VIRTUALIDADE	50
5.3 A EXISTÊNCIA, A ATUALIZAÇÃO E A VIRTUALIDADE	50
5.4 SOBRE A ALMA	51
5.5 AS MÁQUINAS DARWINIANAS	53
5.6 ALMA E ABERTURA EXTERNA	56
6. O SUFIXO “COM” ENTENDIDO COMO REPRESENTAÇÃO DA CULTURA CONTEMPORÂNEA ARREBATADA PELA VIRTUALIDADE	58
6.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA VIRTUALIDADE	58
6.2 A FUNÇÃO DOS DOMÍNIOS	60
6.3 ALUSÃO EM MEIO À CONTEMPORANEIDADE	61
7. A EMERGÊNCIA ONTOLÓGICA DO SER.COM	62
7.1 INTRODUÇÃO	62
7.2 A EMERGÊNCIA ONTOLÓGICA DO SER.COM	66
7.3 O UNIVERSAL SEM TOTALIDADE	69
8. CONCLUSÕES	72
8.1 ANTROPOCENTRISMO CONTEMPORÂNEO	72
8.2 O ADVENTO DO SER.COM E A PSICOLOGIA	74
8.3 SER COMO CRIAÇÃO	77
REFERÊNCIAS	79
1. INTRODUÇÃO	6
2. REAL, POSSÍVEL, ATUAL E VIRTUAL: O QUADRÍVIO ONTOLÓGICO	21
3. O CORPO ENQUANTO ATUALIZAÇÃO DE UMA POTÊNCIA VIRTUAL	25
4. ENUNCIADO SOBRE OS PRINCIPAIS EXISTENCIAIS E OS QUESTIONAMENTOS SOBRE O SER PRESENTES NA FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL E HERMENÊUTICA DE HEIDEGGER	31
5. DIÁLOGOS SOBRE A EXTERNALIDADE DA ALMA	38
6. O SUFIXO “COM” ENTENDIDO COMO REPRESENTAÇÃO DA CULTURA CONTEMPORÂNEA ARREBATADA PELA VIRTUALIDADE	46

		4
	<u>7. A EMERGÊNCIA ONTOLÓGICA DO SER.COM</u>	50
	<u>8. CONCLUSÕES</u>	59
	<u>REFERÊNCIAS</u>	65

1. INTRODUÇÃO

Computadores, laptops, softwares, hardwares, redes wi-fi, Bluetooth, enfim, esses são exemplos de objetos decorrentes da efervescente cultura baseada no princípio da Internet e seu universo cibernético. A era digital apresenta-se como uma realidade; seu crescimento é vertiginoso, veloz e sua consolidação como parte constituinte de nossa sociedade implica novas maneiras de se pensar as configurações espaço-temporais, sociais, de comunicação e de informação.

Esta revolução global causada pelo mundo digital faz emergir um novo conceito importante que norteia todas as tendências emergentes de re-configuração da sociedade, trazidos sob o novo prisma que surge com o aparecimento da Internet: *a realidade virtual*, ou ainda, *a virtualidade*. Mas afinal de contas, o que é o *virtual*?

Vamos refletir a partir de duas vertentes, técnica e filosófica. Atendo-se para a técnica, o significado desse termo diz respeito ao próprio homem e suas ações. Ou seja, o que estamos nomeando como axioma decorrente é a idéia que a técnica e seus produtos são, na verdade, a própria extensão das funções e atividades humanas, uma ampliação de seu próprio corpo em atos e sentidos, pois "ao se virtualizar, o corpo se multiplica. Criamos para nós mesmos organismos virtuais que enriquecem nosso universo sensível sem nos impor a dor" (LÉVY, 1996; p.33); sintetizando esse referencial, temos que:

"Primeiro, uma função física ou mental dos seres vivos (bater, pegar, caminhar, voar, calcular) é identificada. Depois essas funções são separadas de um agregado particular de ossos carne e neurônios. [...] A função abstrata é materializada sob outras formas que não o gesto habitual. O corpo nu é substituído por dispositivos híbridos, outros suportes: o martelo para a batida; [...] a rede para a captura, a roda para o andar [...], o [...] que era indissociável de uma imediatidade subjetiva, de uma interioridade orgânica, agora passou por inteiro ou em parte ao exterior, para um objeto. Mas por uma espécie de espiral dialética, a exterioridade técnica muitas vezes só ganha eficácia se for internalizada de novo. A fim de utilizar uma ferramenta, deve-se aprender gestos, adquirir reflexos, recompor uma identidade mental e física. [...] E, como a exterioridade técnica é pública ou partilhável, ela contribui em troca para forjar uma subjetividade coletiva" (LÉVY, 1996; p.73/74).

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Estas novas perspectivas, que brotam da utilização das técnicas e seus produtos, fazem com que o homem vasculhe mais essa nova condição de mundo, abrindo um leque de limites quase inesgotáveis: a dimensão de potencialização da capacidade humana; agora, a relação que esse homem tem do seu corpo com o produto originário dos processos técnicos seria “não mais vetor de metamorfose do corpo, abertura de uma nova relação física com o mundo [...], não mais condutor de um ato singular aqui e agora [...], não mais coisa material [...], mas reservatório de possíveis” (LÉVY, 1996; p.76). No entanto, nesta busca pelo grandioso reservatório de possíveis, a técnica acaba, recombina-se, expandindo-se, ganhando perspectivas complexas, distanciando-se cada vez mais das emanções corpóreas, seu litígio embrionário:

"A dinâmica técnica se alimenta de seus próprios produtos, opera combinações transversais, rizomáticas, e conduz finalmente a máquinas, a arranjos complexos muito afastados de funções corporais simples. [...] Eles só são plenamente reintegrados ou interiorizados de volta na escala de megamáquinas sociais híbridas ou de hiper corpos coletivos" (LÉVY, 1996; p.74).

Justamente neste ponto, iremos convergir este enfoque ocular dado para se pensar a temática das técnicas - transformações sensitivas, perceptivas e acionais de nosso corpo; mudança na maneira de se enxergar o mundo e evolução dos processos técnicos em megamáquinas distantes de nossa corporeidade - com a contemporaneidade da cultura digital e seu entendimento sobre o foco da virtualidade.

A Internet funciona pelo princípio de armazenamento informacional através de uma enorme matriz de bancos de dados digitais, partindo desse ponto, a Internet é um produto de uma técnica cuja gênese é a capacidade cognitiva humana de guardar informações; ela também pode ser pensada como uma extensão das habilidades do homem, pois o sistema matricial de dados digitais pelo qual a Internet se edifica poderá ser visto como uma amplificação em graus extremos da função psíquica humana de reter conteúdos.

Como a Internet, por si só, é um enorme reservatório de possíveis, acaba também trabalhando como uma megamáquina social híbrida e complexa, cuja relação com seu propósito primário - ampliação da cognição humana em apreender informações - se encontra em caminhos cada vez mais longínquos.

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Sabemos que a função mental não está mais no corpo humano, está digitalizada, virtualizada, mas pelo fato do banco de dados ser praticamente inesgotável, não temos mais o controle sobre a localização “física” da informação nesse espaço digital, tampouco sabemos os caminhos que ela percorre nesta rede complexa:

"A informação certamente se encontra fisicamente situada em algum lugar, [...] mas ela também está virtualmente presente em cada ponto da rede onde seja pedida. A informação digital (traduzida para 0 e 1) também pode ser qualificada de virtual na medida em que é inacessível enquanto tal ao ser humano. Só podemos tomar conhecimento direto de sua atualização por meio de alguma forma de exibição. [...] [essa] dialética do potencial, do cálculo e da exibição contextual caracteriza a maioria dos documentos ou conjunto de informações de suporte digital" (LÉVY, 1999; p.48/49).

A partir dessa configuração delineada até aqui, definimos o conceito de virtual, para a vertente tecnicista, como "toda unidade '**desterritorializada**', capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular" (LÉVY, 1999; p.47, grifo nosso), ou seja, o virtual é uma unidade sem território fixo e que seria inacessível para o humano, pois estaria em um campo mega-dinâmico, muito longe de nossas percepções corpóreas; de forma sintética, seria uma potência além da realidade, não-real.

Contudo, precisamos estar muito atentos para esta questão, não é porque uma unidade não possui um referencial presencial e cabível de delimitações (tendo em vista a significação mais simplória do termo), que ela pode ser chamada de “irreal”, que necessariamente tem que pertencer a um campo metafísico de energia:

"Ainda que não possamos fixá-lo em nenhuma coordenada espaço-temporal, o virtual é real. Uma palavra existe. O virtual existe sem estar presente. Acrescentemos que as atualizações de uma mesma entidade virtual podem ser bastante diferentes umas das outras, e que o atual nunca é completamente determinado pelo virtual. [...] Nenhuma atualização da palavra se parece exatamente com nenhuma outra, e há pronúncias (nascimentos de novas vozes) ou sentidos (invenções de novas frases) imprevisíveis que, no entanto, podem sempre aparecer. O virtual é uma fonte indefinida de atualizações" (LÉVY, 1999; p.48). de fato.

Uma palavra é uma entidade virtual, pois é desterritorializada e seus sentidos dependem do movimento léxico escolhido em determinado local e/ou situação. Portanto, quando falamos do conceito de virtual sob um viés

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

tecnicista, não estamos afirmando de maneira alguma de que é algo oposto ao real (materialização, presença tangível), uma estância “irreal” – o que pressupõe a não-coexistência dessas duas qualidades -, pelo contrário, o virtual não existe em marcação espaço-tempo, mas *existe sem necessariamente estar presente*, sem termos o controle e localização corporais, sem estar imanente em nossas necessidades fisiológicas, presente como um reservatório inesgotável de significações.

Inclinando-se para o caminho filosófico, temos que “virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência [...], o que existe em potência e não em ato [...] tende a atualizar-se, sem ter passado, no entanto, à concretização efetiva ou formal” (LÉVY, 1996; p.15), emergindo no ponto de que o “virtual é [...] o nó de tendências ou de forças que acompanham uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização” (LÉVY, 1996; p.16, grifo do autor), portanto “o virtual [...], trata-se [...] de um modo de ser fecundo e poderoso, que põe em jogo processos de criação, abre futuros” (LÉVY, 1996; p.12).

Analisando a origem semântica do virtual, olhamos a questão da virtualidade com mais clareza: “Virtualizar uma entidade qualquer consiste em descobrir uma questão geral à qual ela se relaciona, em fazer ~~mut~~udar a identidade em direção a essa interrogação e em definir a atualidade de partida como resposta a uma questão particular” (LÉVY, 1996; p.18), em outras palavras, virtualizar determinado objeto é olhar para sua “identidade” e percebê-la como a “resposta” de um nó de forças e fluxos energéticos difusos que incendeiam esse objeto de estudo, tendo qualquer um desses vetores energéticos, potência suficiente para delimitar aquilo que chamamos de “identidade”, dependendo portanto do sentido daquilo que denominamos “valor” do objeto, sendo este uma atualização do campo de forças virtual que flutua sobre a referida entidade.

Se esta cultura da virtualização da qual vivemos possui a potência fecunda de um processo que abre novos caminhos, novas significações, novas possibilidades de enxergar o futuro, de configurar o espaço socioeconômico e cultural, aliado ao fato de que somos parte constituinte dessa sociedade contemporânea que se edifica baseada nas mudanças causadas pela Internet; é

recorrente pensarmos que a virtualização também seja capaz de atingir nossos **corpos**, a maneira como os enxergamos, como constituímos nossa **humanidade**. Para esse ponto, analisamos que:

“um movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação mas também os corpos, o funcionamento econômico, os quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício da inteligência. A virtualização atinge mesmo as modalidades do estar junto, a constituição do ‘nós’: comunidades virtuais, empresas virtuais, democracia virtual” (LÉVY, 1996; p. 11).

Falar que o movimento virtualizante consegue afetar as maneiras da **constituição do “nós”**, é perceber que esta vocação da digitalização como unidade de molde para a transformação do espaço socioeconômico e cultural, também modifica as maneiras de se enxergar o mundo, de se construir o coletivo e, principalmente, consegue deslocar o prisma das fronteiras corporais para um novo nível; refletir que nosso corpo é um fluxo energético sujeito a novas identidades, o resultado de um embate de significações, a atualização de um imenso nó de tendências é ater-se **às** proposições filosóficas do virtual para contextualizar a corporeidade humana e ver o **corpo como potência, quebrando os limites** para se pensar o **Ser**¹, enxergando-o **como uma reserva inesgotável de possibilidades**, pois:

“As coisas só tem limites claros no real. A virtualização, passagem à problemática, deslocamento do ser para a questão, é algo que necessariamente põe em causa a identidade clássica, pensamento apoiado em definições, determinações, exclusões, inclusões e terceiros excluídos. Por isso a virtualização é sempre heterogênese, devir outro, processo de acolhimento da alteridade” (LÉVY, 1996; p.25).

Não se trata de uma desencarnação, mas de uma **transncarnação**, uma heterogênese do humano, uma multiplicidade, pois retornar à problemática virtual é atualizar – como “solução” - a mutação da identidade, questionar os limites da própria **existência**, pois devemos lembrar que “a oposição ao ‘humanismo’ não implica, de maneira alguma, a defesa do inumano” (HEIDEGGER, 2005; p.61).

¹ Para esclarecer, optamos por escrever, ao longo de todo o texto, o verbete “ser” em letra maiúscula quanto este se refere ao homem, à essência do homem, tal qual vamos explanar sobre quando analisarmos os principais existenciais presentes na obra de Heidegger, além de suas indagações sobre o referido Ser. Quando “ser” estiver escrito em letra minúscula, é porque o verbete está se referindo, na verdade, ao verbo ser. Escolhermos também, no transcorrer do texto, escrever as palavras “verdade”, “clareira”, “ente” e “metafísica” em maiúsculo quando estes fizerem luz aos produtos do trabalho fenomenológico-existencial de Heidegger, e quando a última se referir **à** ciência metafísica.

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

1.1 *Sobre a Proposta deste Trabalho**

É neste contexto do virtual como re-configuração potencial do Ser que este trabalho visa analisar o conceito de virtualidade à ~~luz da corporeidade humana, da construção de um Ser contemporâneo atravessado por toda essa energética virtual~~ luz da corporeidade humana, da construção de um Ser contemporâneo atravessada por toda essa energética virtual, contudo, para a realização desse pensamento devemos "meditar e cuidar para que o homem seja humano e não desumano, inumano, isto é, situado fora de sua essência" (HEIDEGGER, 2005; p.17), ou seja, antes de qualquer questão, as idéias trazidas aqui neste texto são debruçadas na visão de uma nova concepção do Ser, de se examinar o homem, de se constituir a humanidade e a corporeidade, jamais uma alusão a qualquer tipo de utopia do não-real ou de um anteparo ideológico de exaltação do "irreal".

Destarte, a proposta de ste trabalho ~~aqui~~ é refletir sobre como a virtualidade – principalmente através de seu viés filosófico – atinge a construção do “nós” e principalmente do Ser; como que ela rompe os limites de se pensar o homem (até então), criando uma nova perspectiva de se investigar a topologia do Ser e abrindo diferentes horizontes de funcionamento da sociedade; todo este trajeto que iremos percorrer ao longo do texto tem como meta principal o nascimento, emergência e contextualização de um novo conceito ontológico do Ser que abarca esse oceano potente navegado pela virtualidade, o qual denominamos de *ontologia do Ser.com*, compreendida enquanto um modelo de existencial – entendidos como estruturas da constituição humana – cujo o Ser é visto como um reservatório de possibilidades virtuais, potentes, pelo qual seu corpo e alma são capturados pelas características da virtualidade – desterritorialização, Efeito Moebius e heterogênesse, conforme apresentaremos com detalhes no transcurso desta investigação – e com isso, poder refletir melhor e modificar melhor suas relações com seus existências.

Nossa meta com este estudo não é delinear uma verdade absoluta sobre o homem contemporâneo e as forças que o interpenetram, e sim montar um terreno fértil e transitável para iniciar-se esta nova forma de pensar o Ser em direção à análise desta potência ontológica do Ser.com, uma vez que "pensar

Formatado: Justificado

Formatado: Justificado, Nível 2

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

contra a 'lógica' não significa quebrar lanças em defesa do ilógico, mas significa apenas: meditar sobre a essência nos primórdios do pensamento; significa empenhar-se, primeiro na preparação de um tal refletir" (HEIDEGGER, 2005; p.61).

Neste contexto, o foco de investigação central deste estudo serão as obras "O que é o Virtual?" e "Cibercultura" de Pierre Lévy, fundamentadas principalmente na relação corpo-alma, mergulhadas na conexão virtual trazida pela Internet investigando sua quebra e remodelação dos limites corpóreo-mundanos, culminando no *ponto de emergência de uma nova ontologia* que abarque este Ser contemporâneo, tendo como contraponto – crítico e complementar - a noção de Ser e Verdade em Heidegger no seu livro "Carta Sobre O Humanismo". Este trabalho se situa enquanto um exercício de aproximação entre estes autores, com uso, conforme dissemos, crítico e *complementar* da referida obra de Heidegger, acima citada.

*

1.2 A Aplicação deste Estudo no Contexto da Psicologia

O crescimento vertiginoso da Internet como referência contemporânea na idéia de construção de um novo espaço das relações humanas e edificação de uma sociedade globalizada, implica em novas perspectivas de reflexão do sujeito psicológico e horizontes de análise da corporeidade humana.

Este mosaico de compreensão do corpo e alma, arrebatados pelo fluxo energético virtual, representa uma rearticulação na maneira de se pensar o Ser, a percepção de seu corpo, a topologia de sua *psique*. Neste aspecto, o referido trabalho se entrelaça diretamente com o âmbito da Psicologia, uma vez que esta produção de saberes investiga as variáveis de constituição do sujeito psicológico e como esses vetores agem na construção do homem: seus comportamentos, perspectivas de mundo, ideologias, enfim, as *variáveis modalidades* de composição do humano.

A reflexão sobre o Ser em sua constituição psico-corpórea, sob o prisma da virtualidade, se insere no campo dos saberes *psis*, no sentido de representar novas maneiras de se analisar os pressupostos de formulação do sujeito psicológico contemporâneo e então, intencionar uma reinvenção (de

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Nível 2, Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Fonte: Negrito, Itálico

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

maneira hipotética) do universo psicológico de investigação do homem, nos seus diversos âmbitos de compreensão.

Assim, este estudo justifica-se por conta da aliança entre essas duas vertentes: O virtual e a Psicologia. Como a Internet é a maior potência virtual tecnicista inventada pelo homem, a importância desse trabalho está em apontar as influências que esta virtualidade imbrica na constituição do sujeito psicológico, uma vez que estamos sendo constantemente atravessados por essa virtualidade e, com isso, sendo transformados enquanto Ser, na produção de nossas *psiques* em renovada mutação.

1.3 Sobre o Método desta Pesquisa*

No que se refere ao método, o trabalho proposto consiste em estudo das obras de dois autores, as quais darão subsídios para a sintaxe teórica vislumbrada por este projeto, construída através dos pontos convergentes e divergentes das noções de corpo e alma dos mesmos.

Pierre Lévy, através de seus livros “O Que É O Virtual?” e “Cibercultura” – obras principais do projeto –, nos dará subsídios para pensar, no transcurso de todo o trabalho, temáticas hipotéticas importantes para se alcançar o objetivo proposto de emergir uma nova ontologia que tange o Ser contemporâneo, dentre as quais poderemos citar: A diferenciação entre atualidade e realidade; as pontes dos conceitos de atualidade e realidade com a noção de virtual; o corpo enquanto atualização de uma potência virtual – tendo os discursos da alma contemporânea – atravessada pelos conceitos de virtualidade e emergência da cultura internáutica – enquanto elemento de exercício de poder desta atualização e o reconhecimento das características que constituem os conceitos do virtual, como desterritorialização, heterogênesse e Efeito Moebius.

Martin Heidegger, com sua “Carta Sobre O Humanismo” – obra complementar a análise da visada temática proposta – terá um vetor de importância significativo no que diz respeito a embasar todas as discussões apresentadas aqui sobre as características do Ser.com, as quais serão relevadas ao longo do trabalho. Além da aproximação inicial a alguns dos conceitos do estudo fenomenológico-existencial e hermenêutico de Heidegger, algumas das concepções provindas do mesmo e que farão parte do

Formatado: À esquerda

Formatado: À esquerda, Nível 2

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

embasamento de nosso afazer são: a Verdade do Ser, a questão do *Dasein*, o poder nadificante do Ser, identificação da temática do corpo em seu discurso. Não obstante a isto, articulações da transcendência do Ente supra-sensível e sua relação com o binômio corpo-alma, diálogos sobre a externalidade da alma com os conceitos de potencialidade do virtual em Pierre Lévy, pontes da idéia de Verdade do Ser com a questão da alma e investigações do trabalho hermenêutico de Heidegger na contemporaneidade abarcada pelo virtual também serão feitas.

Além disso, ~~faremos o estudo da obra intitulada “A Arte Do Motor” de Paul Virilio como contraponto crítico do conceito de virtualidade, no entanto, o estudo desta obra terá um cunho mais livre, sem pretensões de uso como referência principal e terá como finalidade, oferecer um subsídio crítico para as reflexões centrais desta análise que faremos, ou seja, as idéias contidas nesta obra não necessariamente farão parte de nossas investigações.~~ Teremos também o auxílio da “Grande Enciclopédia Larousse Cultural”, que dará complementaridade ao trabalho, através do esclarecimento semântico de alguns termos-chaves para a compreensão mais clara do tema apresentado. No contexto geral, todas as leituras, além de outras fontes complementares especificadas no decorrer do trabalho irão oferecer elementos para o desenvolvimento da proposição, no que se refere à conceituação em elaboração, do sufixo *.com*, aliada à questão do *Ser*.

1.4 Sobre os Autores Pesquisados*

Martin Heidegger é um dos filósofos mais influentes de sua geração, seu principal objeto de estudo é o Ser, mais especificamente a Verdade do Ser – a essência existencial -, aquilo que Heidegger nomeia como a principal meta da filosofia, mas que fora renegada por anos pela ênfase dada a reflexão ao Ente – existência concreta, elemento de composição ligado ao ôntico, estático -, principalmente Metafisicamente.

Estas questões são retomadas na obra de 1947, “Carta Sobre O Humanismo”. Nela, Heidegger responde a indagações feitas por um existencialista francês chamado Jean Beaufret (introdutor do pensamento heideggeriano na França), que gostaria de saber qual o significado poder-se-ia dar ao humanismo abalado após duas guerras mundiais consecutivas, para fins

Formatado: Justificado, Nível 2

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

de comparação. É a partir dessa problemática que os pressupostos teóricos irão desenvolver-se, principalmente através da máxima de que seu estudo não seria humanista, pois isto acarretaria em uma compartimentalização do pensamento, tal qual uma Metafísica.

É chamado de Metafísica aqui um pensamento determinista, que enquadra/carimba a essência do Ser - sabendo-se dela *a priori* ou não - sem questioná-la perante a Verdade do Ser. "A Metafísica pensa o homem a partir das *animalitas*, não pensa em direção de sua *humanitas*" (HEIDEGGER, 2005; p.23, grifo do autor), ou seja, seu foco é centrado no Ente, não se desdobra a luz do Ser, sendo o homem um Dasein, analisá-lo apenas ônticamente seria um retrocesso, uma estagnação.

Sintetizando, temos que "Metafísica alguma [...] pode, segundo a sua essência, [...] apenas nos esforços despendidos em desenvolver-se, alcançar o destino, isto é, atingir e reunir, através do pensar, o que agora é do Ser num sentido pleno" (HEIDEGGER, 2005; p.50); em outras palavras, Heidegger não chama suas idéias de humanistas, pela Metafísica do conceito, pois o homem (como Ente) nunca será o destino do pensamento, mas sim o Ser e sua Verdade. É por conta dessa desmistificação dos saberes por conta da busca pelo Ser, aliado a sua conceituação e aprofundamento, que Heidegger está sendo usado como base para este projeto, juntamente com um dos pensadores contemporâneos de maior influência: Pierre Lévy.

Lévy caracteriza-se por ser um filósofo cuja obra é centrada no estudo das novas tecnologias – principalmente as de comunicação – emergentes e as transformações acarretadas por elas no que tange o homem e suas concepções sociais; sensível no que diz respeito às perspectivas tecnológicas, suas reflexões incluem conceitos da informática, sociologia contemporânea, filosofia e história.

— Lévy sempre enxergou com otimismo as possíveis transformações antropológicas e sociológicas que as novas tecnologias da informação provocariam, dentre elas, sua análise tem ênfase maior na Internet e em como seu mundo virtual é capaz de moldar horizontes de relações sociais e diferentes formas de investigação do binômio corpo-alma. O virtual se torna um conceito-chave dentro de suas teorias; em 1996 ele lança o livro "O Que É O Virtual?", apontando que o movimento de virtualização no qual vivemos

ultrapassa a simples concepção da informatização, é uma energia capaz de atingir corpos, inteligências, enfim, arrebatando diversos âmbitos do humano e rompe os limites do pensamento - "Os limites não são mais dados. Os lugares e tempos se misturam" (LÉVY, 1996; p.25).

— Esta obra aborda principalmente a virtualidade em seu viés filosófico, deixando claro que o virtual não é sinônimo do digital e nem são conceitos análogos, no entanto, o universo digital é uma das formas de expressão da virtualidade mais marcantes na qual a humanidade se submeteu, sendo a Internet o maior expoente dessa manifestação; por conta disso é que suas análises sobre a virtualidade mantêm essa forte ligação.

— Após o delineamento dessa temática do virtual, Lévy começa a fazer uma análise da evolução da humanidade, abordando o desenvolvimento da Internet e a digitalização da informação em temas como a virtualização dos corpos, dos textos e da economia através de três conceitos que conduzem a análise do homem imerso nesta gama potencial causada pela virtualização: *desterritorialização, heterogênesse e Efeito Moebius*.

Com estes três conceitos em mãos, Lévy começa a caminhar na análise da formação do homem sob o prisma de evoluções ditas virtuais – a linguagem, a técnica (ações) e os contratos (relacionamentos) –, após isto, ele mostra, através do exemplo da linguagem, como funcionam os núcleos invariantes dos processos de virtualização: a gramática, a dialética e a retórica; em linhas gerais:

"A gramática separa elementos e organiza seqüências. A dialética faz funcionar substituições e correspondências. A retórica separa seus objetos de toda combinatória, de toda referência, para desdobrar o virtual como um mundo autônomo. A retórica geral que invocamos aqui reúne as operações de criação do mundo humano [...]. O ato retórico, que diz respeito à essência do virtual, coloca questões, dispõe tensões e propõe finalidades; ele as põe em cena, as põe em jogo no processo vital" (LÉVY, 1996; p.94).

Tendo esse delineamento preciso sobre todas as nuances que envolvem os processos virtualizantes em seu caráter filosófico, ~~em 1999~~ Lévy lança o livro intitulado "Cibercultura" (1999), no qual a temática das questões virtuais continua sendo o ponto de referência na sua trajetória filosófica, mas agora, ele vai esmiuçar o viés tecnicista da virtualidade.

Durante a obra, Lévy vai basicamente desenhar a topologia desse mundo que emerge concomitantemente à ascensão da Internet, explicando as

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

principais organizações e termos utilizados neste universo virtual, mostrando a evolução da informática e dos computadores ao longo da história, indicando os novos horizontes da informação virtual/digital e principalmente, revelando uma nova dimensão a qual essa *topografia virtual* está mergulhada: o **Ciberespaço**.

De maneira conceitual, temos que o Ciberespaço é um "espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores" (LÉVY, 1999; p.92), um "local" onde se digitalizam as informações e, no qual sinergizam as criações de informações, gravações e comunicações.

Em outras palavras, "o ciberespaço, [...] não é uma infra-estrutura: é uma forma de usar as infra-estruturas existentes e de explorar seus recursos por meio de uma inventividade distribuída e incessante que é indissociavelmente social e técnica" (LÉVY, 1999; p.193); ampliando a questão, podemos pensar que o Ciberespaço é um vetor de um universo aberto e ilimitado, amplificador dos processos de virtualização. Para sintetizar essa idéia, Lévy utiliza o exemplo do computador:

"Um computador é uma montagem particular de unidades de processamento, de transmissão, de memória e de interfaces para entrada e saída de informações. [...] O computador não é mais um centro, e sim um nó, um terminal, um componente da rede universal calculante. [...] No limite, há apenas um único computador, mas é impossível traçar seus limites, definir seu contorno. É um computador cujo centro está em toda parte e a circunferência em lugar algum, um computador hipertextual, disperso, vivo, fervilhante, inacabado: o ciberespaço em si" (LÉVY, 1999; p.44).

"O computador, então, não é apenas uma ferramenta a mais para a produção de textos, sons e imagens, é antes de mais nada um operador de virtualização da informação" (LÉVY, 1999; p.55), sendo o computador a principal porta de entrada e saída da transmissão de informações na Internet, ele também é um operador contemporâneo de virtualização, um dos portais da dimensão do Ciberespaço.

Lévy mostra alguns dos muitos resultados dos efeitos dessa Cibercultura - conjunto de técnicas, atitudes, conhecimentos, pensamentos, valores e práticas que se desenvolvem e edificam-se mutuamente com o Ciberespaço - a qual estamos imersos, sendo a arte, música, educação, economia e política alguns dos âmbitos afetados por esta Cibercultura. Nesta

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

etapa, temos um conceito importante que irá permear a dinâmica de influência da Ciberultura: a Inteligência Coletiva.

É no contexto da interação geral trazida pela vertente tecnicista do virtual que outro conceito importante é esmiuçado pelo autor: a **Inteligência Coletiva**. Este é um conceito já trazido por Lévy em “O Que É O Virtual?”⁵, mas agora, a perspectiva desta sentença é levada a níveis mais técnicos que anteriormente, mergulhados na Ciberultura.

Resgatando teoricamente esta questão, primeiramente precisamos definir o que estamos chamando de inteligência:

"Chamo 'inteligência' o conjunto canônico das aptidões cognitivas, a saber, as capacidades de perceber, de lembrar, de aprender, de imaginar e de raciocinar. Na medida em que possuem essas aptidões, os indivíduos humanos são todos inteligentes. No entanto, o exercício de suas capacidades cognitivas implica uma parte coletiva ou social geralmente subestimada" (LÉVY, 1996; p.97).

A saber, essa inteligência socialmente subestimada fala sobre uma forma de exercitar a cognição, o pensamento:

"Jamais pensamos sozinhos, mas sempre na corrente de um diálogo ou de um multidialogo, real ou imaginado. Não exercemos nossas faculdades mentais superiores se não em função de uma implicação em comunidades vivas com suas heranças, seus conflitos e seus projetos. [...] Conhecimentos, valores e ferramentas transmitidos pela cultura constituem o contexto nutritivo, o caldo intelectual e moral a partir do qual os pensamentos individuais se desenvolvem, tecem suas pequenas variações e produzem às vezes inovações importantes" (LÉVY, 1996; p.97).

Partindo da idéia que pensamos na direção de um **[multi]diálogo**, podemos intuir que **somos análogos a neurônios**, sendo **o coletivo e seus valores**, ferramentas e, principalmente, culturas transmitidas através desse diálogo, **um hipercórtex pulsátil**, que se renova a cada contato com seus neurônios (os indivíduos) e retorna a eles como **potência virtual de tendências**, cabendo a nós selecionar neste leque de variabilidades virtuais, tal qual uma máquina darwiniana de escolhas, as potências mais viáveis para a construção da individualidade e, conseqüentemente, evolução da sociedade e seu **MegaPsiquismo** cultural, a própria Inteligência Coletiva em si

"E compreendemos assim por que coletivos humanos enquanto tais podem ser ditos inteligentes. Porque o psiquismo é, desde o início e por definição, coletivo: trata-se de uma multidão de signos-agentes em interação, carregados de valores, investindo com sua energia redes móveis e paisagens mutáveis" (LÉVY, 1996; p.109).

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Sendo assim, "a inteligência das sociedades humanas é variável e, [...] evolutiva, graças à natureza dos indivíduos que a compõem e [...] das ligações, geralmente livres ou contratuais, que a tecem" (LÉVY, 1996; p.111). Neste contexto de variações culturais causadas pela emergência das novas tecnologias, que a Internet ganha importância fundamental na maneira de se analisar a sociedade:

"É essa sensação vertiginosa de mergulhar no cérebro comum e dele participar que explica o entusiasmo pela Internet. Navegar no ciberespaço equivale a passear um olhar consciente sobre a interioridade caótica [...] da inteligência coletiva. O acesso ao processo intelectual do todo informa o de cada parte, indivíduo ou grupo, e alimenta em troca o do conjunto. Passa-se então da inteligência coletiva ao coletivo inteligente" (LÉVY, 1996; p.117).

É a partir desse foco sobre a Internet que Lévy em "Cibercultura" vai expandir esse referencial da Inteligência Coletiva e mostrar qual a real importância de se pensar o coletivo a partir dessa concepção:

"Esse projeto do ciberespaço em proveito da inteligência coletiva visa tornar, o quanto for possível, os grupos humanos conscientes daquilo que fazem em conjunto e a dar-lhes meios práticos de se coordenarem para colocar e resolver os problemas dentro de uma lógica de proximidade e de envolvimento" (LÉVY, 1999; p.196).

Assim,

"O projeto da inteligência coletiva é [...] a aspiração mais profunda do movimento da cibercultura. Em certo sentido, esse projeto prolonga, ao mesmo tempo em que o ultrapassa, o da filosofia das luzes². Não se trata de forma alguma de uma 'utopia tecnológica', mas do aprofundamento de um antigo ideal de emancipação e exaltação do humano" (LÉVY, 1999; p.208, grifo nosso).

Colocar o homem como parte envolvente e interpenetrado por esse grande hipercórtex de Inteligência Coletiva é perceber que talvez estejamos vivenciando uma das maiores formas de exaltação do humano, um antropocentrismo virtual, uma vez que "as pessoas que povoam e nutrem o ciberespaço constituem sua principal riqueza" (LÉVY, 1999; p.240).

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

² A dita “filosofia das luzes” é uma alusão ao Iluminismo, movimento intelectual que caracterizou o pensamento europeu do séc. XVIII particularmente na França, Inglaterra e Alemanha, baseada na crença no poder da razão para solucionar os problemas sociais.

DISCUSSÕES

2. REAL, POSSÍVEL, ATUAL E VIRTUAL: O QUADRÍVIO ONTOLÓGICO

Formatado: Nível 1

Relevar a emergência e compreender o processo de constituição deste sujeito contemporâneo arrebatado pela virtualidade, bem como suas características principais baseadas no binômio corpo-alma, exige-nos, primeiramente, contextualizar alguns conceitos presentes nas obras de Pierre Lévy, para que assim, seja possível um salto à contraposição com a noção de Ser presente na obra de Martin Heidegger, conclamando no início de delineamento do *Ser.com* e da explicação do uso do sufixo *.com* para caracterizar este potente território existencial.

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Estas articulações são fundadas a partir do entendimento da diferenciação das seguintes concepções: real e atual. O estudo de Lévy apresenta estas idéias como norteadoras da compreensão da virtualidade – principalmente em seu viés filosófico –; desta forma, em sua obra “O Que É O Virtual?”, Lévy destaca que no “senso comum” a noção de realidade está aliada a de atualidade, funcionando como sinônimos de um mesmo caminho semântico, enquanto que o virtual é visto, no mesmo “senso comum”, como uma instância contrária a realidade, como uma utopia ilusória no âmbito do “não-real”, diferente da materialidade apresentada pelo real.

2.1 Cartografia do Quadrívio,

Formatado: Fonte: Negrito, Itálico

Diante do quadro apresentado, Lévy destrona estes jogos de saberes inferindo que, na verdade, o real e o atual não são conceitos homônimos, tampouco o virtual é uma entidade desmaterializada, ilusória, inversa à realidade. Lévy mostra que o real, o possível, o atual e o virtual são prismas que possuem suas próprias singularidades conceituais; vimos anteriormente que o virtual tem sua gênese no verbete *virtualis* (latim) que por sua vez é derivado de *virtus*, ou seja, diz respeito aquilo que há em potência e não em ato, o nó de tendências/forças que acompanham um acontecimento, um objeto, um fato, enfim, qualquer entidade.

Formatado: Nível 2, Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

A partir desta contextualização do conceito de virtual e atendo-se a diferenciação entre os conceitos de realidade, atualidade e possibilidade – a partir dos estudos de Lévy -, temos que o atual seria a “*solução momentânea*” da problemática trazida pelo virtual, é a *produção/criação de formas* sob o prisma de forças, sustentando o devir-virtual. — e Em outras palavras, podemos dizer que “virtualizar uma entidade qualquer consiste em descobrir uma questão geral à qual ela se relaciona, em fazer mutar a identidade em direção a essa interrogação e em definir a atualidade de partida como resposta a uma questão particular” (LÉVY, 1996; p.18); por sua vez, o real aparece como uma *queda de potencial*, a *objetivação das possibilidades*, seria a *materialização concreta*; por fim, a noção de possível está atrelada ao *conjunto de possibilidades pré-determinadas*, não como uma rede difusa, potente e imprevisível trazida pelo virtual, mas como *reificação de um caminho não manifesto, insistente*. Culminando no ponto de que “o real assemelha-se ao possível; em troca, o atual em nada se assemelha ao virtual: responde-lhe” (LÉVY, 1996; p.17).

Para entender melhor estas questões, daremos um exemplo simples de como estes conceitos funcionam: o mundo da Internet funciona através de um enorme banco de dados digitais, atuando como uma instância virtual, pois ela é potente, problemática e imprevisível, a imensidão de armazenamento de matrizes de dados promovida pela Internet cria um nó de vetores de potência virtual, os inúmeros sites que acessamos são “soluções momentâneas” desta problemática, atualizações desta rede, momentâneas, pois a cada novo passeio pela Internet, diferentes sites são vistos, diferentes caminhos virtuais são abertos, diferentes atualizações acontecem, os limites não estão fixos, eles se re-configuram a todo o momento. No entanto, a maneira pela qual acessamos a Internet se restringe, basicamente, a utilização de computadores; aqui encontramos o computador no âmbito do real, pois é a objetivação de uma possibilidade de se acessar a Internet, a materialização concreta, possibilidade esta que representava um caminho não manifesto, pois até pouco tempo atrás, não se pensava em outra possibilidade de acesso a este mundo que não fosse pelos computadores.

Comentado [U1]: É “mutar” mesmo a palavra Fernando (e não “mudar”, como você havia corrigido aqui anteriormente), está escrito assim no texto original. Acredito que o sentido posto por Lévy aqui esteja relacionado com “mutação”.

2.2 A Dialética de Quatro Pólos,

Formatado: Nível 2, Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Fonte: Negrito, Itálico

Obviamente, não podemos pensar estas quatro instâncias de maneira separada, "essas maneiras de ser passam constantemente de uma para outra, donde a definição de quatro movimentos ou transformações principais, que corresponde cada uma a formas de causalidade e de temporalidade diferentes" (LÉVY, 1996; p.138); são movimentos que aparecem de acordo com os acontecimentos aos quais estão aliados, de acordo com o fenômeno apresentado, são formas de ser que estão imbricadas, se comunicam e formam uma espécie de dialética de quatro pólos, com valorizações ontológicas particulares e retroativas; Lévy chama essa dialética quadrática de Quadrívio Ontológico. Resumindo a idéia deste quadrívio, temos que:

"O real, a substância, a coisa, subsiste ou resiste. O possível contém formas não manifestas, ainda adormecidas: ocultas no interior, essas determinações insistem. O virtual [...], não está aí, sua essência está na saída, ele existe. Enfim, manifestação de um acontecimento, o atual acontece, sua operação é a ocorrência" (LÉVY, 1966; p.137).

No entanto, Lévy reconhece que existem alguns pontos em comum dentro deste Quadrívio Ontológico, algumas concepções que se convergem dentro desses movimentos, algumas idéias que se confundem. Isto, no entanto, seria a constatação de que estas ontologias não podem ser pensadas enquanto vértices isolados, mas sim como um nó borromeano, de forma implicada, comunicativa, entrelaçada. Lévy discorre sobre esta convergência na seguinte afirmação:

"Possível e virtual têm evidentemente um traço comum que explica sua confusão tão freqüente: ambos são latentes, não manifestos. Anunciam antes um futuro do que oferecem uma presença. O real e o atual, em troca, são um e outro patentes e manifestos. Desdenhando as promessas, estão presentes e claramente presentes" (LÉVY, 1996; p.136-137).

Enfim, este Quadrívio Ontológico diz respeito a maneiras de ser, de pensar a construção das coisas, são formas de se analisar a existência das coisas. Assim sendo, podemos pensar no quadrívio para se analisar a constituição da existência humana, a construção dos corpos e das almas. Enfim, este quadrívio também pode ser utilizado para se pensar no mosaico de todas as nuances que compõem aquilo que denominamos de existência humana.

Deste interessante quadrívio, destacaremos a importância que a virtualidade exerce em nossa sociedade contemporânea, o jeito de como ela

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

arrebata nossos corpos, a maneira como ela provoca novos e potentes movimentos ontológicos, chegando ao ponto do início de contextualização de uma das possibilidades de movimentos ontológicos presentes nesta cultura do virtual da qual estamos imersos: a emergência ontológica do Ser.com.

Lembrando sempre que a contextualização desta emergência ontológica que iremos fazer neste trabalho não tem o intuito de esgotar a nova temática proposta e sim, iniciar a discussão a respeito das potências ontológicas que o ser arrebatado pela virtualidade traz ~~à~~ tona; o estudo do humanismo passa por todas as variáveis que possam influenciar o pensamento vigente, nada mais justo que abrir o pensamento para refletir sobre as interpenetrações do virtual na constituição do Ser, na compreensão do humano. Neste ponto, veremos como a potência difusa da virtualidade é capaz de questionar a constituição dos corpos, os limites corporais, a própria construção do Ser.

3. O CORPO ENQUANTO ATUALIZAÇÃO DE UMA POTÊNCIA VIRTUAL

3.1 *Os Conceitos de Desterritorialização, Heterogênese e Efeito Moebius*

Para a melhor análise sobre a influência da virtualidade na constituição dos corpos e do Ser, precisamos, primeiramente, delinear três conceitos que conduzem a análise do homem imerso nesta gama potencial causada pela virtualização: *desterritorialização, heterogênese e Efeito Moebius*.

O conceito de *desterritorialização* faz alusão à quebra de limites espaciais, territoriais, temporais e presenciais, ou seja, as delimitações possíveis, nestes âmbitos, foram desfeitas e através do virtual, podemos remodelar as distâncias, transcender os marcos do tempo e principalmente *estar presente sem a obrigatoriedade física, uma “não-presença”, a fuga do “agora”*. A *heterogênese*, por sua vez, é um movimento do *devir-ser*, "os espaços se metamorfoseiam e se bifurcam ~~aos~~ nossos pés, forçando-nos à heterogênese" (LÉVY, 1996; p.23), é a *criação de novas percepções*, o *homem* como uma *atualização constante de potências*, uma *metamorfose ambulante*. Já o *Efeito Moebius* diz respeito à *indiferenciação entre o público e o privado*, uma vez que, quebrados os limites conceituais de se pensar o território, o tempo e a presença, as barreiras entre o interior e o exterior são demolidas, cria-se uma *interpenetração existencial*, não somos mais delimitados por instâncias, estamos mergulhados neste mundo amorfo sem extremos.

Sintetizando essas idéias, vamos exemplificar cada um dos conceitos aqui apresentados: a desterritorialização é uma das características da virtualização que está mais intrinsecamente presente na existência humana desde muitos anos atrás, pois, desde a invenção da escrita, presenciamos a modalidade da desterritorialização, vivemos a presença sem a obrigatoriedade física, pois quando escrevemos um texto, uma mensagem para alguém, são

Formatado: Nível 1

Formatado: Nível 2

Formatado: Fonte: Negrito, Itálico

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Comentado [U2]: O texto original diz "a nossos pés" ao invés de "aos nossos pés"

nossas idéias que estão ali presentes, de alguma forma estamos presentes sem a obrigatoriedade física; com o avanço das comunicações, estamos constantemente evoluindo a concepção e a percepção da desterritorialização, tanto na comunicação através de um interlocutor (um-todos) – como o rádio e a televisão – quanto na comunicação direta com determinada pessoa (um-um) – telefone –; com o surgimento da telecomunicação – comunicação pela Internet, chats, fóruns, MSN –, ampliou-se ainda mais o leque da desterritorialização, da quebra dos limites físicos, já que nos comunicamos em tempo real com diversas pessoas em diferentes lugares do globo. ~~—~~ Sem estarmos em contato físico direto com elas, vemos e ouvimos a pessoa sem estarmos necessariamente presentes, a não ser digitalmente.

A heterogênesse pode aparecer, neste contexto, bastante atrelada ~~ao~~ com a desterritorialização, no sentido de que o homem percebe, através das telecomunicações digitais, a metamorfose dos espaços, dos ~~territórios, territórios, a~~ — Agora, os limites não estão mais fixos como anteriormente; eles foram quebrados; e nos comunicamos com várias pessoas de diferentes lugares ao mesmo tempo.

Por sua vez, a heterogênesse também pode ser observada pelo viés humano; quando nos comunicamos digitalmente. Neste contexto, —minha concepção de corpo se modifica, de forma que meu corpo é uma potência virtual na rede, a qual ~~que~~ será atualizada ~~ao~~ pelo meio de comunicação que meu interlocutor escolher.

Nesta situação, meu corpo transcende a barreira do tempo, já que posso me comunicar desterritorializadamente a hora que desejar. Por exemplo, posso gravar uma mensagem e deixar na Internet, criando uma ~~é uma~~ não-presença atemporal.

Desta maneira, qualquer forma de se pensar uma mudança na concepção do corpo é heterogênesse, seja ela digital – como vimos – ou física. Assim sendo, silicões, tatuagens, próteses, transplantes, plásticas, também podem ser vistas ~~sa~~ como metamorfose do corpo humano enquanto —ampliação da percepção, na criação de novas possibilidades.

Já o Efeito Moebius nos remete ~~à —a~~ indiferenciação entre o público e o privado. Este efeito, ~~isso~~ também pode ser observado nos exemplos das telecomunicações digitais, nas quais meu corpo agora é um corpo

digitalizado, potente, virtual. De tal maneira que meu corpo, está no espaço público imenso proporcionado pela Internet, não sendo mais exclusividade meu.

O que se tem é a produção de ~~de~~ um *devir-corpo*, é uma potência da percepção humana, um corpo que será atualizado de acordo com a problemática que a virtualidade momentânea suscitar, o qual será atualizado pelo meio de comunicação presente, pelo interlocutor, pela própria rede.

; ~~a~~ Ao mesmo tempo, quando nós fazemos atualizações dessa virtualidade, os outros corpos não têm mais limites dados, são públicos. ~~;~~ e ~~a~~ Ao mesmo tempo, são meus; são privados, podendo ~~so~~ usá-los a hora que desejar, atualizá-los de acordo com minhas virtualidades factuais.

Neste contexto, o que se verifica , ~~é~~ a própria interpenetração existencial, compreendida enquanto é o grande paradoxo virtual, sob a forma de um ~~a~~ mescla de percepções, na qual meu corpo é público e privado, ao mesmo tempo. Ou seja, "a carne e o sangue, postos em comum, deixam a intimidade subjetiva, passam ao exterior. Mas [...] retorna ao indivíduo transportado [...]. O corpo coletivo acaba por modificar a carne primária" (LÉVY, 1996; p.30-31).

Estes exemplos citados mostram uma maneira de se pensar a influência da virtualidade em seu prisma tecnicista – o virtual imbricado no conceito digital da Internet, equivalentes semanticamente de acordo com o “senso comum” – nos significados e características da virtualidade em sua concepção filosófica.

3.2 O Conceito de Hiper corpo

Através destas três características – desterritorialização, heterogênes e Efeito Moebius – as quais ~~que~~ fazem parte do âmbito da virtualidade, Lévy nos apresenta uma nova forma de se pensar o corpo, introduzindo assim, o conceito de *hiper corpo*.

O hiper corpo seria um arremate de todas estas inferências sobre estas peculiaridades da potência virtual reverberadas na questão corpórea. E ~~entretanto~~, o hiper corpo iria muito mais além do que uma simples síntese; estamos caminhando em uma nova forma de se pensar a corporeidade, pois

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Nível 2, Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Fonte: Negrito, Itálico

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

não é mais um corpo exclusivamente egocêntrico; é um *corpo híbrido e global*, o qual se tornou pura potência virtual. Ou seja, se virtualizou.

Para mostrar mais claramente o que seria este corpo híbrido e global de que estamos falando, Lévy nos mostra que estes conceitos já estão imbricados no pensamento humano há muito tempo. Para isso, ele retoma a uma máxima utilizada nas religiões católicas.

Quando Jesus reuniu seus apóstolos para realizar aquilo que ficou conhecido como a última Ceia – segundo as religiões católicas, a última refeição compartilhada entre Jesus e seus doze apóstolos, antes de Sua morte e posterior ressurreição –, ele tomou o pão e o vinho em suas mãos e disse: “Orai todos e comei, orai todos e bebei, isto aqui é meu corpo, que será entregue por vós; fazei isto em memória de mim”. Após estes dizeres, repartiu o pão para todos os presentes; em seguida, tomou o cálice de vinho em suas mãos, deu graças e disse: “Orai todos e bebei, isto aqui é meu sangue, o sangue da vida, da Nova e Eterna Aliança, que será derramado por vós para a remissão dos pecados; fazei isto, sempre que bebê-lo, em memória de mim”. Após este dizer, repartiu o pão para todos os presentes. Depois de proferir estas palavras, Jesus e repassou o cálice de vinho para os mesmos.

Ao realizar este ritual, Jesus acabou por virtualizar seu próprio corpo e seu próprio sangue, retornando ao nó de tendências difuso, ao campo de forças virtual. Desta maneira, maneira, solucionou que teve como “solução” a esta problemática da atualização de sua potência corpórea e sanguínea no pão e no sangue, respectivamente.

Neste sentido, observamos que “a carne e o sangue, postos em comum, deixam a intimidade subjetiva, passam ao exterior. Mas essa carne pública retorna ao indivíduo transportado [...]. O corpo coletivo acaba por modificar a carne primária” (LÉVY, 1996; p.30-31).

Destarte, “ao se virtualizar, o corpo se multiplica. Criamos para nós mesmos organismos virtuais que enriquecem nosso universo sensível sem nos impor a dor” (LÉVY, 1996; p.33). Não se trata, portanto, de uma desencarnação, mas de uma *reencarnação*. Ou melhor, uma *trans-encarnação*, uma *heterogênese do humano*, uma multiplicidade, pois retornar à problemática (virtual) é atualizar (“solução”) a mutação identitária, questionando seus limites.

Sintetizando esta perspectiva, temos que o vértice do hipercorpo tem como axioma central a desconstrução dos limites corpóreos. ~~as~~ delimitações pensadas até então sobre o corpo (tal qual delimitações territoriais) caíram sobre terra.

Desta maneira, a influência da virtualidade incide sobre os nossos corpos, tornando-os múltiplos, públicos, e não mais divisos, unitários.

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

3.3 Sobre a Quebra dos Limites Corporais

Lévy dá o exemplo dos esportes³, tendo como finalidade expor como que esta quebra de limites corporais pode ser vista de maneira bem simplificada.

Formatado: Nível 2, Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Fonte: Negrito, Itálico

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Os esportes também sofreriam processos de virtualização na contemporaneidade, uma vez que vivemos, nos dias atuais, uma política de ultrapassagem dos limites, conquista de novos meios, intensificação das sensações.

Retornando uma volta à problemática virtual, podemos dizer que os esportes, atualmente, produzem são movimentos de "devir outro" enquanto jogos de tensão. Assim sendo, Na natação, o mergulho, o alpinismo e os esportes aéreos são exemplos de metamorfoses sobrede como perceber o mundo, como senti-lo. O que se promove é uma sensação de se tornar-se animal, na acepção de exploração do meio no qual está presente no momento, na utilização de seus sentidos para a elaboração de novos limites.

"Não falo aqui dos corpos 'sadios' e atléticos postos em cena pelos regimes políticos autoritários ou promovidos pelas revistas de moda e a publicidade [...] Refiro-me a este esforço de ultrapassar limites, de conquistar novos meios, de intensificar as sensações, [...] domesticamos o mundo aquático, aprendemos a perder pé, experimentamos uma nova maneira de sentir o mundo e de sermos levados no espaço. [...] Em cada caso, trata-se do mesmo movimento de saída da norma, de hibridação, de 'devires' que tendem quase à metamorfose. Tornar-se peixe, tornar-se cabra-selvagem, tornar-se pássaro ou morcego" (LÉVY, 1996; p. 31-32).

Com base nestes exemplos de hipercorpo no âmbito do esporte, conseguimos entender que as câmeras cirúrgicas, enxertos e próteses,

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

³ In "O Que É O Virtual?" – p.31-32.

cirurgias plásticas, body piercings, uso de drogas/medicamentos, reprodução e regulação das emoções também podem ser observados como fenômenos do hiper corpo em diferentes setores da reflexão da sua existência e constituição. o mesmo.

Sob este prisma, todas estas situações falam, cada uma à sua maneira, da quebra dos limites corpóreos pensados, até então, da multiplicidade de possibilidades, da hibridicidade e heterogênesse do humano, do câmbio global no qual o corpo está inserido.

No cerne de todas estas idéias, então, temos a máxima de que “meu corpo pessoal é a atualização temporária de um enorme hiper corpo híbrido, social e técnico-biológico” (LÉVY, 1996; p.33).

O que se considera é que o aparecimento da Internet e seu mundo digitalizado compõem uma das maiores formas de virtualização da qual o homem já teve contato.

Se, assim, o fenômeno do hiper corpo também é visto nesta potência.

Mais ainda, a Internet eleva o hiper corpo a novos patamares de compreensão — e, até mesmo, de ação.

Pois, Por exemplo, as telecomunicações se baseiam no conceito da tele-presença, ou seja, projetamos nosso corpo — (e mais do que isso, nossas características, nossa voz, nossos sentidos, etc.) dentro desta virtualização digital, que é a Internet, e multiplicamos nossas possibilidades de contato, nos tornamos globais, quebramos os limites do corpo e do espaço.

Neste contexto, meu corpo pode percorrer vários locais, ao mesmo tempo, através da tele-presença. A tele-presença faz com que, meu corpo se torne público, estando à disposição de todos na rede digital.

Ao mesmo tempo em que todos fazem referência ao meu corpo, sou híbrido, sou atualizado, sou virtualizado. De tal forma que, podemos modelar nosso mundo e até quase experienciar sensorialmente o vivido do outro, ou outro vivido, trazendo o mundo até nós, em um processo de “*percepção virtual*”, compreendida enquanto — (ou seja, — a função somática do processo contemporâneo de virtualização externalizada pelos sistemas de telecomunicação).

*

Comentado [F3]: Dica para a vida:
Nunca use “mesmo” no lugar de substantivo. O dicionário é muito rico e este uso indica falta de vocabulário ou preguiça de pensar uma palavra!

Formatado: Centralizado, Recuo: Primeira linha: 0 cm

Até agora, fizemos o exercício de pensar a influência da virtualidade no que diz respeito principalmente à questão dos ~~corpos~~corpos. 7

E antes de apresentarmos nossas tematizações do ponto de vista da alma, iremos estabelecer uma ponte com o trabalho fenomenológico-existencial de Martin Heidegger, cartografando alguns dos principais conceitos existenciais presentes em sua obra - dando ênfase maior à-a concepção de Verdade do Ser – enquanto questões-chave para compreensão de nosso trabalho, conforme a seguir.

~~mas, como um dos focos deste trabalho é pensar este arrebatamento a partir do binômio corpo-alma, precisamos fazer novas reflexões para compreender estas questões a partir do prisma anímico, no entanto, antes de executar tal tarefa, iremos estabelecer uma ponte com o trabalho fenomenológico-existencial de Martin Heidegger, cartografando alguns dos principais conceitos existenciais presentes em sua obra, dando ênfase maior para a concepção de Verdade do Ser e a partir dela, fazer uma ponte com Pierre Lévy para assim, encontrar o embasamento teórico necessário para refletir sobre a alma mergulhada na contemporaneidade virtual, discutir sobre o resultado desta interpenetração.~~

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Comentado [F4]: Muita informação, quase um roteiro de todo o TCC! Vamos por etapas! Quando for para mostrar o Pierre Lévy, introduza antes de desenvolvê-lo. Neste momento, é muita informação. Mas pode usar parte deste parágrafo mais à frente pois está bem escrito.

4. ENUNCIADO SOBRE OS PRINCIPAIS EXISTENCIAIS E OS QUESTIONAMENTOS SOBRE O SER PRESENTES NA FENOMENOLOGIA-EXISTENCIAL E HERMENÊUTICA DE HEIDEGGER

Formatado: Nível 1

4.1 Introdução

Formatado: Nível 2

Formatado: Fonte: Negrito, Itálico

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Martin Heidegger é um dos filósofos mais influentes de sua geração, seu trabalho é fortemente influenciado pela fenomenologia de Edmund Husserl, sendo Heidegger um dos principais autores desta linha de raciocínio. A fenomenologia proposta por Husserl – considerado por muitos estudiosos como o “pai” da fenomenologia – tem como objetivo principal a volta às essências do pensamento, ou seja, Husserl acreditava que o pensamento filosófico estava poluído por conta dos vários enfoques remanescentes do pensamento filosófico – como a sociologia, antropologia, biologia, por exemplo -, enfoques estes que marcam um grande rompimento com a filosofia, uma vez que tenta-se apropriar de pensamentos metafísicos para compor seu campo teórico e se tornarem ciências autônomas.

Esta “volta às essências” proposta por Husserl se baseia na busca por um contato direto e imediato com as coisas, na forma como elas se apresentam, é um *deixar e fazer ver por si mesmo*, aquilo que se mostra, tal

como se mostra a partir de si mesmo; ~~às~~ formas como as coisas se apresentam deu-se o nome de *fenômeno*. Em sua origem semântica, fenômeno vem do latim “*phainômenon*” e significa “aquilo que se mostra”.

Destarte, Husserl quer despoluir os pensamentos autônomos emergentes, voltar para o pensamento originário de todos os consequentes – a filosofia –, evitando os múltiplos recortes interpretativos do real, voltando-se para os fenômenos da maneira com a qual eles aparecem, sem teorias prévias acachapantes, pré-julgamentos, *voltando às coisas a elas mesmas*; esta busca no horizonte da compreensão das coisas por elas mesmas denomina-se *compreensão hermenêutica*.

Sendo influenciado pelas idéias de Husserl, Heidegger desenvolve sua obra baseado no enfoque fenomenológico e hermenêutico. No entanto, Heidegger foca boa parte de suas teorias na questão do Ser e sua essência, sua relação com o mundo e com as coisas, como que ele lida com a própria existência.

Neste ponto, Heidegger estudou o Ser a partir de um delineamento dos chamados *existenciais*, ou seja, estruturas da constituição humana, ontológicas e comuns a todos. Ou seja, o próprio movimento da existência.

Assim, seu estudo, além de fenomenológico, também tem um cunho *existencialista*, uma vez que ele compreende o homem, a constituição humana a partir de seus existenciais, do seu próprio existir.

4.2 Alguns Os Existenciais da Obra de Heidegger.

É interessante, neste ponto do trabalho, ressaltar e analisar alguns dos existenciais presentes na obra de Heidegger.

A reflexão fenomenológica-existencial de seus trabalhos tem como um dos primeiros e principais pontos no engendramento de elementos da composição existencial, dos quais destacamos o *ôntico* e o *ontológico*.

O elemento *ôntico* nos remeteria a algo *estático*, que *não tem movimento*, ~~à~~ canônica concretização de uma possibilidade existencial, *compreendida enquanto fechamento da existência*.

Enquanto que o elemento *ontológico*, “*questionamento teórico explícito do sentido do ser*” (HEIDEGGER, 2005; p.39), em vias inversas,

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Fonte: Negrito, Itálico

Formatado: Nível 2, Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

está ligado ao **movimento**, ao conjunto infinito de possibilidade da existência, **à abertura** para a vivência, **para as possibilidades**.

A partir da ponderação destes dois elementos-chaves, Heidegger nos leva para uma análise sobre o modo **e sobre** as formas de existência no mundo, a partir destes elementos de composição, culminando na revelação das estruturas da vivência **e da** existência presentes no mundo, como o *Ente* e do *Dasein*.

O **Ente** diz respeito à **existência ligada ao elemento ôntico**, aquilo que existe **simplesmente como uma coisa**, à concretização existencial de uma possibilidade. Assim, as coisas presentes no mundo estão ligadas ao ôntico, são Entes: a caneta, a cadeira, a árvore, as plantas, os animais; são coisas estáticas no ponto de vista existencial, não tem uma abertura para as possibilidades da vivência.

"Ente é tudo que falamos, tudo que entendemos, com que nos comportamos dessa ou daquela maneira, ente é também o que e como nós mesmos somos. Ser está naquilo que é e como é, na realidade no ser simplesmente dado (Vorhandenheit), no teor e no recurso, no valor e validade, na pre-sença [Ser-aí], no 'há'" (HEIDEGGER, 2005; p.32).

O homem também seria um Ente, pois ele também possui um elemento estrutural ligado ao ôntico. No entanto, o homem seria o único Ente capaz de questionar a sua própria existência, o único que compreende o Ser, o fato de que ele existe.

Nesta investigação, importantes conceitos surgem: o **Ser** como o **movimento da existência**, o estrutural do homem, aquilo que faz com que o Ente seja o que é, ligado ao movimento ontológico - "mais longínquo que qualquer Ente e está [o Ser] mais próximo do homem que qualquer Ente, seja este uma rocha, um animal, uma obra de arte, uma máquina, seja um Anjo de Deus" (HEIDEGGER, 2005; p.34).

o **Dasein** – também conhecido como **Ser-aí** – como um Ente que se **funda a partir de uma angústia**, incômodo, vazio, que seria **questionar a sua própria existência** – seu próprio Ser –, situado em um estado de vivência com o mundo, com as coisas.

"Ora, visualizar, compreender, escolher, aceder a são atitudes constitutivas do questionamento e, ao mesmo tempo, modos de ser de um determinado Ente, daquele Ente que somos nós mesmos, os que questionam, sempre somos. Elaborar a questão do Ser significa, portanto, tornar transparente um Ente - o que questiona -

Formatado: Fonte: 10 pt, Itálico

Formatado: Recuo: À esquerda: 4 cm, Primeira linha: 0 cm, Espaçamento entre linhas: simples

Formatado: Fonte: 10 pt, Itálico

Formatado: Fonte: 10 pt, Itálico

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Formatado: Fonte: 10 pt, Itálico

Formatado: Recuo: À esquerda: 4 cm, Primeira linha: 0 cm, Espaçamento entre linhas: simples

Formatado: Fonte: 10 pt, Itálico

Formatado: Fonte: 10 pt, Itálico

em ser Ser. [...] Esse Ente que cada um de nós somos e que, entre outras, possui em seu Ser a possibilidade de questionar, nós o designamos com o termo pre-sença⁴ (HEIDEGGER, 2005; p. 33).

Como o homem é o único Ente capaz de questionar o seu próprio Ser, o homem, para Heidegger, é o único *Dasein* existente no mundo em que conhecemos. Se qualquer outro Ente começar a ter esta mesma capacidade cognitiva pertencente ao homem de questionar sua existência, este Ente, além de ser um *Dasein*, seria um **Ser-humano**, pois vivenciaria o mundo da mesma forma que o homem vivencia, de total abertura às possibilidades, abrindo caminho ao ontológico.

"Se comparada a qualquer outro, a pre-sença é um ente privilegiado. [...] A pre-sença não é apenas um ente que ocorre entre outros entes. Ao contrário, do ponto de vista ôntico, ela se distingue pelo privilégio de, em seu ser, isto é, sendo, estar em jogo com seu próprio ser. Mas também pertence a constituição de ser da pre-sença a característica de, em seu ser, isto é, sendo, estabelecer uma relação de ser com seu próprio ser. Isso significa, explicitamente e de alguma maneira, que a pre-sença se compreende em seu ser, isto é, sendo. É próprio deste ente que seu ser se lhe abra e manifeste com e por meio de seu próprio ser, isto é, sendo. A compreensão do ser é em si mesma uma determinação do ser da presença. O privilégio ôntico que se distingue a pre-sença está em ela ser ontológica" (HEIDEGGER, 2005; p.38).

E ainda:

"Sempre se compreende a si mesma [pre-sença/Ser-ai] a partir de sua existência, de uma possibilidade própria de ser ou não ser ela mesma. Essas possibilidades são ou escolhidas pela própria pre-sença [Ser-ai] ou um meio em que ela caiu ou já sempre cresceu. No modo de assumir-se ou perder-se, a existência só se decide a partir de cada pre-sença [Ser-ai] em si mesma. A questão da existência sempre só poderá ser esclarecida pelo próprio existir" (HEIDEGGER, 2005; p.39).

E sob o prisma do questionamento a respeito do Ser, temos:

"A 'pressuposição' do ser possui o caráter de uma visualização preliminar do ser, de tal maneira que, nesse visual, o ente previamente dado se articule provisoriamente em seu ser. Essa visualização do ser, orientadora do questionamento, nasce da compreensão cotidiana do ser em que movemos desde sempre e que, em última instância pertence à própria constituição essencial da pre-sença. Tal 'pressuposição' nada tem a ver com o

Formatado: Fonte: 10 pt, Itálico

Formatado: Fonte: 10 pt, Itálico

Formatado: Fonte: 10 pt, Itálico

Formatado: Fonte: 10 pt, Itálico

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Formatado: Fonte: 10 pt, Itálico

Formatado: Recuo: À esquerda: 4 cm, Primeira linha: 0 cm, Espaçamento entre linhas: simples

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Formatado: Fonte: 10 pt, Itálico

Formatado: Recuo: À esquerda: 4 cm, Primeira linha: 0 cm, Espaçamento entre linhas: simples

Formatado: Fonte: 10 pt, Itálico

Formatado: Fonte: 10 pt

Formatado: Fonte: 10 pt, Itálico

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Formatado: Fonte: 10 pt, Itálico

Formatado: Recuo: À esquerda: 4 cm, Primeira linha: 0 cm, Espaçamento entre linhas: simples

⁴ Para esclarecer, a obra "Ser E Tempo – Parte I" optou pelo vocábulo "pre-sença", para a tradução do termo alemão *Dasein*, enquanto que em "Carta Sobre O Humanismo" o verbete escolhido para a tradução do termo foi "Ser-ai". Pre-sença não é sinônimo de existência e nem de homem, mas apenas uma opção de tradução. As explicações pela utilização deste termo estão presentes na p. 309 de "Ser E Tempo – Parte I". Nós preferimos utilizar o termo "Ser-ai" para a tradução, pois além de fazer referência direta à "Carta Sobre O Humanismo", consegue abranger de maneira muito mais direta as ideias contidas em nossas explicações, sendo o sufixo "ai" uma alusão à Clareira do Ser.

Formatado: Justificado

estabelecimento de um princípio do qual se derivaria, por dedução, uma conclusão" (HEIDEGGER, 2005; p.34);

Neste contexto, Heidegger apresenta o processo de A-fundação do Dasein, o qual se constituiria a partir de um incômodo, passando por um questionamento existencial e pela indagação esta que surge a partir da angústia da morte, a dita possibilidade da impossibilidade-impossibilidade.

Em outras palavras, quando o Dasein se depara com a finitude da existência, com o fato de que ele não é imortal, com a responsabilidade de ter a consciência de escolher as possibilidades dentro de sua finitude existencial, ele experimentaria uma vivência maior com as coisas, com o mundo, com suas próprias escolhas.

É neste grande paradoxo da morte fazendo-o viver que o Dasein conhecerá uma importante analítica existencial, o chamado Ser-para-a-morte.

4.3 Análise Sobre o Ser em Heidegger Sobre "Carta Sobre o Humanismo"

Atendo-se ao fato de que esta analítica do Dasein parte do princípio inicial das inquietações e questionamentos existenciais sobre o seu próprio Ser, Heidegger desdobra boa parte de seus estudos nas reflexões sobre o Ser. Sua obra "Carta Sobre O Humanismo", dentre outros aspectos, dá muita ênfase nesta análise sobre o Ser, dizendo que "o Ser é fundamentalmente mais amplo que todo o Ente" (HEIDEGGER, 2005; p.43).

Este é um pensamento central e importante em sua obra, uma vez que, elevando o Ser ao patamar de objeto de estudo fenomenológico, Heidegger chega ao ponto de afirmar que suas teorias, antes de qualquer coisa, não são humanistas, pois alegar isto acarretaria em um esvaziamento essencial e existencial na forma de se analisar o Ser.

Para Heidegger, categorizar o pensamento através de sufixos como "-icas" (metafísicas, gramáticas), "-ismos" (humanismos, cristianismos) ou "-ias" (antropologias, ciências e até mesmo filosofias) causam o domínio da subjetividade e da abertura do Ente, edifica a quebra do Ser essencial e livre: "Todo humanismo se funda numa Metafísica ou ele mesmo se postula como fundamento de uma tal metafísica" (HEIDEGGER, 2005; p.20).

Formatado: Fonte: 10 pt, Itálico

Formatado: Fonte: 10 pt, Itálico

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Nível 2, Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Fonte: Negrito, Itálico

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

“Ser E Tempo – Parte I, já continha uma crítica ao exacerbado cientificismo praticado nos últimos tempos, o que conclama o que abordamos anteriormente sobre o domínio da subjetividade e abertura da reflexão sobre o Ente:

“Conceitos fundamentais são determinações em que o setor de objetos que serve de base a todos os objetos temáticos de uma ciência é compreendido previamente de modo a guiar todas as pesquisas positivas. Trata-se, portanto, de conceitos que só alcançam a verdadeira legitimidade e ‘fundamentação’ mediante uma investigação prévia que corresponda propriamente ao respectivo setor. Ora, na medida em que cada um desses setores é recortado de uma região de Entes, essa investigação prévia, produtora de conceitos fundamentais, significa uma interpretação desse Ente na constituição fundamental de seu Ser. Essas investigações devem anteceder às ciências positivas” (HEIDEGGER, 2005, P. 36).

Formatado: Fonte: 10 pt, Itálico

Formatado: Recuo: À esquerda: 4 cm, Primeira linha: 0 cm, Espaçamento entre linhas: simples

Em meio a todo este realce dado ao Ser, surge um aspecto muito interessante e instigante nos estudos fenomenológicos de Heidegger: o poder nadificante do Ser.

Formatado: Fonte: 10 pt, Itálico

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Heidegger chega a este apotegma tendo como disparate a origem essencial do nadificar, no qual aquilo que se nadifica desdobra o seu ser na estrutura nadificadora⁵, ilumina-se com o nadificador.

Esta colocação pode ser exemplificada através da análise do sentido daquilo que é expresso no “não”. Já dizia Heidegger que:

“Todo o dizer não é apenas a afirmação do não (Nicht). Cada afirmação repousa num reconhecer. Este deixa que venha a si aquilo para onde se dirige. Pensa-se que, em parte alguma do Ente, se pode encontrar o nadificar. Também o Ser não é uma característica ôntica que se pode verificar no Ente. Porque o nadificador desdobra o seu ser no próprio Ser, por isso, não podemos verificá-lo como algo ~~como algo~~ ôntico no Ente” (HEIDEGGER, 2005; p.78).

Vamos desconstruir com calma este dizer para, depois, construir uma compreensão mais clara sobre o âmbito nadificante encontrado no Ser.

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Inicialmente, encontramos nesta frase a idéia do *não* como algo relacionado ao externo, como um movimento ontológico que desdobrará sua essência no Ser, sendo então o *dizer-não* uma simples afirmação daquilo que já teve seu cerne distendido dentro do pensar, o reconhecimento sobre aquilo que se revelou fenomenologicamente como negação.

⁵ In “Carta Sobre O Humanismo” – p.78.

Pensemos no seguinte: quando negamos uma determinada escolha em nossas vidas, estamos negando porque esta escolha – que aparece como externa a mim – revelou-se, desdobrou-se dentro de meu Ser como algo a ser negado; ao partir para o ato do *dizer-não*, estou apenas reconhecendo este movimento ontológico e o reafirmando como objeto de negação.

Segundo Heidegger, “

“É este o caso então que o ‘sim’ e o ‘não’ já estão à escuta do Ser. Enquanto fazem parte do Ser que escutam, eles jamais propor aquilo a que eles mesmos pertencem” (HEIDEGGER, 2005; p.79).

O “sim” e o “não” apenas escutam aquilo que vem de fora e afirmam-nos a partir de seus *dizeres-sim* e/ou *dizeres-não*, raciocinando desta maneira, eles não propõem positivities ou negatividades, apenas apreendem aquilo que é desdobrado no Ser, agem como o produto de um ato idiossincrático, ao de escutar do Ser.

Da mesma forma funcionaria o nada; o nada não pode ser percebido como uma estrutura ôntica – diferentemente do Ente que o é – e sim como algo ontológico, que tem movimento, abertura, assim como o Ser deve ser analisado. Aquilo que chamamos de nada é aquilo que se desdobrou no Ser como nada, iluminou-se a partir de seu nadificador (o Ser). “O nadificar no Ser é a essência daquilo que eu nomeio o nada. Por isso, porque pensa o Ser, o pensar pensa o nada” (HEIDEGGER, 2005; P. 80).

A partir dessas idéias, tem-se a máxima de que “o ser nadifica – como ser” (HEIDEGGER, 2005; p.79).

Colocando agora novos horizontes de compreensão para a fenomenologia, Heidegger começa a construir muitas tematizações sobre o Ser – o qual ele considera como objeto primado da filosofia, mas renegado ao longo dos anos por conta do investimento excessivo no Ente, aprisionando, segundo ele, a subjetividade -, tendo como foco a busca daquilo que ele denomina de **Verdade do Ser**, a **essência estrutural do homem**, a essência desta abertura existencial ontológica do *Dasein* perante a angústia do questionamento de sua própria vivência no mundo.

A partir desta busca pela Verdade do Ser, Heidegger faz importantes levantamentos fenomenológicos, como a diferenciação entre existência e existência.

Para ele, a existência é a realidade efetiva, é a manifestação de uma coisa na sua idéia. Por sua vez, a ex-sistência⁶ é um termo composto pela junção do prefixo “ex”, significando algo exterior, o modo mundano de ser; e pelo sufixo “sistência”, o que Heidegger põe como o fator de diferenciação do homem para os outros Entes.

Então, o significado de “ex-sistência” seria a *essência do homem que conserva a origem de sua determinação no destino da Verdade*, estar disposto à Verdade do Ser.

Tendo esta diferenciação em mãos, o pensamento fenomenológico-existencial e hermenêutico de Heidegger tem como auge argumentativo a contestação de que “a essência do Ser-aí reside na sua ex-sistência” (HEIDEGGER, 2005; p.26).

Analisemos esta afirmação com mais cautela: o Ser-aí – como dissemos anteriormente, também chamado de *Dasein* – é composto pela união de “Ser”, a essência do Dasein, e de “aí”, que tem um cunho de *abertura da existência*.

Heidegger vai chamar esta abertura da existência, o mundo pelo qual existimos de *Clareira do Ser*, portanto, o “aí” referido está ligado à Clareira do Ser, ao modo como o mundo se abre para o Ser existir.

Assim, este “Ser” do “aí” possui a origem de sua determinação (ex-sistência), sendo esta origem nada mais que o traço fundamental - ex-stático, sendo o sufixo “stático” o traço primado -. Os resultados ôntico-ontológicos disso são traços de in-sistência (“Ser-para-si-mesmo”, “Ser-em-si”) e ex-sistência (“Ser-para-o-mundo”, “Ser-aí”, “Ser-para-a-morte”). Este jogo articulado entre “in” e “ex” é o que vai configurar a Verdade do Ser.

O homem ex-siste enquanto pertence à Verdade do Ser, protegendo-a.

No entanto, o homem não é o essencial da hermenêutica, o Ser na dimensão do elemento ex-stático da ex-sistência o é.

Para chegar à dimensão da Verdade do Ser, precisamos entender como o Ser se dirige ao homem e como o requisita. Só compreenderemos tal experiência essencial se soubermos o que o homem é enquanto ex-sistência, é nesta dialética esquizofrênica existencial do Ser, fundada pela comunicação

⁶ Ibid., p.28.

entre seus fatores “in” e “ex”, que a Verdade do Ser emergirá tal qual ela é para o Dasein.

Sintetizando esta idéia, temos que "o homem é 'atirado' pelo próprio Ser na Verdade do Ser para que na luz do Ser o Ente se manifeste como o Ente que efetivamente é" (HEIDEGGER, 2005; p.34), destarte, "o advento do Ente repousa no destino do Ser" (HEIDEGGER, 2005; p.66).

Heidegger toma este caminho de pensamento porque acredita que o homem, apesar de ser o único Ente capaz de questionar a sua própria vivência/existência, ele não o faz a partir da Verdade do Ser, nem tampouco as “-icas” e “-ismos” (sufixos representantes das ciências que tentam estrangular a abertura do pensamento e dominar a subjetividade) o fazem por conta do investimento maciço nas questões em que elas mesmas tentam direcionar-se, esquecendo assim da reflexão em cima do Ser e sua Verdadeão. O Ente, é, neste momento que Heidegger faz uma interessante suposição:

"Supondo que o homem, no futuro, seja capaz de pensar a Verdade do Ser, então ele pensará a partir da ex-sistência. Ex-sistindo ele estará postado no destino do Ser. A ex-sistência do homem é, enquanto ex-sistência historial, mas não é um primeiro lugar e apenas pelo fato de, no discurso do tempo, muitas coisas acontecerem com o homem e as coisas humanas" (HEIDEGGER, 2005; p.42).

De fato, várias coisas aconteceram com o homem e com as coisas humanas durante o eterno andamento do discurso do tempo. e, Partindo do pressuposto de que a ex-sistência é historial, além das influências que ela sofreu do processo sócio-cultural, ao longo de todos os anos, ela também pode conter marcas dos momentos atuais, da cultura contemporânea globalizada. Em especial, a virtualidade proposta pelo advento da Internet como modeladora dos âmbitos sócio-culturais e econômicos do mundo no qual vivemos.

É justamente neste ponto em que iremos retomar a Pierre Lévy e, através das concepções heideggerianas sobre a possibilidade do homem ser capaz de pensar a Verdade do Ser a partir de sua ex-sistência (e conseqüentemente, pensaria a sua existência), faremos uma ponte com as indagações sobre a alma em sua obra, pois Heidegger – nas idéias já apresentadas – nos dá subsídios importantes para compreender essa temática em Lévy.

Comentado [U5]: Se continuar confuso, me avise.

Comentado [F6]: Favor reescrever estas duas linhas. Está confuso!

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

5. DIÁLOGOS SOBRE A EXTERNALIDADE DA ALMA

Formatado: Nível 1

5.1 A Existência e as Suas Significações

Formatado: Nível 2, Recuo: Primeira linha: 0 cm

Para iniciar esta conversa, retomaremos a uma articulação apresentada por Pierre Lévy em seu livro “O Que É O Virtual?”, cuja idéia é que o “Ser-ai’ é a tradução literal do alemão *Dasein* que significa, em particular, *existência* no alemão filosófico clássico e existência propriamente humana – ser um ser humano – em Heidegger” (LÉVY, 1996; p.20). Retomando a Heidegger – da mesma forma que fizemos -, Lévy começa a levantar um

Formatado: Fonte: Negrito, Itálico

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

interessante questionamento a partir a etimologia do termo *existir*: “embora uma etimologia não prove nada, assinalemos que a palavra existir vem precisamente do latim *sistere*, estar colocado, e do prefixo *ex*, fora de” (LÉVY, 1996; p.20).

Cria-se, a partir da análise etimológica da palavra *existir*, um grande paradoxo, no qual Lévy pergunta se “existir é estar presente ou abandonar uma presença? *Dasein* ou existência? Tudo se passa como se o alemão sublinhasse a atualização e o latim a virtualização” (LÉVY, 1996; p.20). Como resposta a esta inquietação, tem-se a seguinte reflexão:

“Mas, precisamente, o fato de não pertencer a nenhum lugar, de freqüentar um espaço não designável (onde ocorre a conversação telefônica?), de ocorrer apenas entre coisas claramente situadas, ou de não estar somente ‘presente’ (como todo ser pensante), nada disso impede a existência” (LÉVY, 1996; p.20).

Vamos investigar com calma esta afirmação: partindo da etimologia de *existir* seria “estar colocado fora de algo”, abre-se um novo caminho para a compreensão do humano.

Agora, a percepção da existência vai além dos traços in-sistentes, do homem voltado apenas para suas questões idiossincráticas, passando a abranger também os âmbitos ex-sistentes presentes na sua vivência com as coisas, com o mundo.

Em outras palavras, abrangerá tudo aquilo que digam respeito à Clareira do Ser em direção à Verdade do Ser.

Desta forma, nossa essência/existência não seria necessariamente presencial. O exemplo das conversações telefônicas mostra bem isto: não estou presente através de um corpo físico, em um espaço delimitado, mas estou presente através de minha voz, existo a partir de minha voz, minha voz e meu corpo se virtualizaram, viraram potência, a qual se atualiza a cada nova ligação, a cada nova conversação.

Este exemplo do telefone mostra bem a amplificação que a idéia do existir como colocado fora de algo, ampliou-se a Clareira do Ser, a abertura existencial, consequentemente, a Verdade do Ser poderia tomar novas e pujantes direções.

As novas direções que se iniciam nesta busca pela Verdade do Ser, amplificadas pelas indagações da existir como algo em-externalidade - o que

Formatado: Fonte: Itálico

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Comentado [F7]: à clareira ou a clareira?

Comentado [U8]: A clareira mesmo, sem crase

aumenta o leque existencial da Clareira do Ser -, ~~teêm~~, como ponto de grande discussão, ~~outras s-a~~ questões, ~~levantadas porão-que~~ Lévy, ~~a respeito do~~ ~~coloca sobre o~~ existencial *Dasein*.

Segundo Lévy, o existencial *Dasein* está mais ligado às atualizações e o termo latim *ex-sistere* teria ia mais correlações com o prisma do virtual.

Este é um grande engendramento hermenêutico que merece ser destacado e, acima de tudo, observado com bastante atenção, conforme a seguir.

5.2 A Existência e a Virtualidade

Alocando o conceito de *existir* em um novo patamar - sendo estar colocado fora de, sendo externalidade -, Lévy consegue fazer um pareamento entre esta nova compreensão do existir com a concepção sobre a virtualidade.

Este pareamento é cabível~~possível pois, pois Lévy considera, uma vez~~ que o virtual, em sua construção teórica baseada no termo latim *virtualis*, seria aquilo que há em potência e não em ato, o nó de tendências/forças que circunscrevem determinado objeto, acontecimento ou qualquer entidade.

Neste sentido, a comparação feita entre o *existir* e a virtualidade faz todo o sentido, já que o virtual exist~~ir~~iriae mesmo sem ter uma presença tangível, uma materialização física, ou seja, ~~estaria~~ presente dentro de um campo de tendências, sob a configuração de um nó de bifurcações.

~~(p~~Por exemplo, a linguagem existe mesmo sem ter um território delimitado *a priori*, existe enquanto uma potência virtual, a qual será atualizada de acordo com a necessidade semântica de cada indivíduo, da fala de cada ~~pessoa.pessoa.~~), ~~E~~ se ele - o virtual - não o é enquanto presença tangível, então ele está situado em um nível energético, fora da realidade concreta, ~~mas,~~ mesmo assim, ele existe segundo esta nova leitura do termo *existir*, estando postado fora da realidade objetiva, na medida em que o virtual *existe*.

5.3 A Existência, a Atualização e a Virtualidade

O segundo pareamento que Lévy faz em seu importante engendramento hermenêutico sobre a existência seria que o termo alemão *Dasein* proposto por Heidegger para designar a existência propriamente humana, estaria

Formatado: Fonte: Não Itálico

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Nível 2, Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Nível 2, Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Fonte: Negrito, Itálico

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

sublinhando o prisma das atualizações, enquanto que o *existir* do latim estaria imbricado com as questões virtuais. De fato, conforme discorreremos ~~há~~ pouco, a comparação entre o *existir* e o virtual tem um profundo nexo, assim como a convergência entre o *Dasein* e o atual também o tem.

Tendo como pressuposto o sentido de que o *Dasein* ~~é~~ o Ente que se funda a partir de uma angústia de ser o único entre todos capaz de questionar sua própria existência⁷, seu próprio Ser, sua própria vivência com as coisas e o mundo – ou seja, o homem –, e lembrando que a concepção de atualidade nos remete ~~à~~ “solução momentânea” da problemática trazida pelo virtual, é a produção/criação de formas sob o prisma de forças que sustentam o devir-virtual, temos em mãos uma boa base para transcorrer a idéia comparativa destes dois conceitos.

Podemos dizer que o *Dasein* encontra na indagação sobre sua própria existência uma grande problemática de como ele constitui sua existência, como ele percorre a Clareira do Ser em uma busca de sua Verdade; se a existência é uma problemática, então ela está no nível do virtual, ela persiste enquanto nó de tendências, rede de vetores difusos, caminhos potentes, ela *existe*, está fora da objetividade e dentro de uma problemática energética. O *Dasein* então produziria formas de viver essa existência, a partir da problemática que o funda, atualizaria esta questão dentro da Clareira do Ser para construir sua Verdade e atualizando essa angústia, o *Dasein* vivenciaria suas analíticas existenciais/ontologias (Ser-para-a-morte, Ser-no-mundo, Ser-para-o-mundo, entre outras possíveis) de formas particulares. Assim sendo a externalidade aliada ~~à~~ Clareira do Ser exerce uma grande influência nas atualizações econômicas do *Dasein*, dando legitimidade ao pareamento que Lévy faz destes âmbitos.

5.4 Sobre a Alma

Após esta ~~interessante~~ discussão a respeito do binômio atual/virtual e suas possíveis articulações com a dialética do *Dasein/existir*, usaremos este pareamento para transcorrer a respeito da correlação que a temática da alma teria com estas analíticas e como ela aparecia na contemporaneidade

Comentado [F9]: Aspas?

Comentado [U10]: Não, sem aspas aqui

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Cor da fonte: Automática

Formatado: Nível 2, Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Fonte: Negrito, Itálico

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

⁷ In “Ser E Tempo – Parte I” – p.33-39

arrebatada pela virtualidade da qual estamos imersos, antes, para tanto, precisamos resgatar o significado semântico da palavra alma.

Temos que alma vem do termo latim *anima*, que tem como definição⁸ *princípio de vida, do movimento* e do pensamento do homem, além disso, a alma pode ser concebida como centro da atividade psíquica e dos estados de consciência de uma pessoa; conjunto das disposições intelectuais, morais e afetivas que formam sua individualidade, *seu eu profundo*; espírito, intelecto, coração, consciência. O sentido de alma aparece aqui relacionado ao sentido de espírito, que tem como litígio embrionário *spiritus* (latim) – sopro -, que apresenta como significado⁹ o *princípio imaterial, a alma, parte incorpórea do ser humano*, em oposição ao corpo, à matéria, o *próprio princípio vital*.

Heidegger já dizia a respeito da alma:

"A 'alma', que constitui o Ser do homem, descobre, em seus modos de Ser, [...] todo Ente naquilo que ele é e como ele é, ou seja, descobre sempre todo Ente em seu Ser" (apud ARISTÓTELES, 2005: p.41).

Partindo do pressuposto que o encontro do *Dasein* com a Verdade Do Ser para Heidegger seria a "resposta" da existência, o motivo pelo qual as coisas "fazem sentido", a essência/espírito do pensamento e vivência com o mundo; e que Lévy diz que em sua gênese o *existir* seria estar colocado "fora de", somos levados a pensar então que a Verdade do Ser seria a capacidade de auto-criação, a partir do leque de variabilidades postas no universo, às virtualidades. Seria este, então, o ponto vital do ser, sua verdade, seu espírito/sua alma (que está colocado fora do corpo material).

Como outro essencial ponto deste diálogo envolvendo a externalidade da alma perante as influências da virtualidade, iremos introduzir o jogo da afetividade como fator de relevância nesta rica dialética entre alma/virtualidade e *Dasein*/atualidade – partindo daí os engendramentos da Verdade do Ser -, tal qual o Quadrívio Ontológico proposto por Lévy em seus estudos. Porém, antes de adicionar este novo elemento na referida discussão, precisaremos observar e analisar as idéias que Lévy apresenta sobre as ditas “máquinas darwinianas” e a relação que elas têm com o conceito de afetividade, uma vez que esta analogia será fundamental para o acréscimo do

⁸ GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL, São Paulo: Nova Cultural, 1998 - p.203.

⁹ Ibid., p. 2219.

Formatado: Fonte: 10 pt, Itálico

Formatado: Fonte: 10 pt, Itálico

Formatado: Recuo: À esquerda: 4 cm, Primeira linha: 0 cm, Espaçamento entre linhas: simples

Formatado: Fonte: 10 pt, Itálico

Formatado: Fonte: 10 pt, Itálico

Formatado: Fonte: 10 pt, Itálico

Formatado: Fonte: 10 pt, Itálico

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

dispositivo “afeto” como um dos pontos chaves na compreensão da alma como fator externo.

5.5 As Máquinas Darwinianas.

Como se sabe, em sua principal obra intitulada “A Origem Das Espécies”, Charles Darwin apresentou a sua concepção sobre a evolução das espécies, concepção esta que mudou o caminho que se pensava esta questão, até então.

Darwin infere sua teoria da evolução das espécies, a qual tem como axioma central a idéia da evolução das espécies a partir de um ancestral comum por meios de seleção natural através da adaptação e especiação.

Em linhas gerais e outras palavras, este ancestral comum adquiriu características em sua relação com o ambiente que o fez estar adaptado ao mesmo, essas características foram passadas para as gerações seguintes e, caso elas fossem benéficas para as sucessivas gerações, as características se preservariam, se fossem desfavoráveis, a tendência seria que essas características se tornassem menos comuns nas gerações seguintes, gerando assim um processo de variabilidade vivencial entre as espécies e o meio ambiente no qual estão inseridas, gerando novas formas de adaptação a este meio, novas variabilidades entre as espécies, as quais serão repassadas para os seguintes caso sejam benéficas para a perpetuação do filo. Ou seja, é uma simples mas poderosa teoria, na qual onde as espécies mais bem adaptadas ao seu meio ambiente tem mais chances de sobrevivência.

Os princípios de Darwin se aplicam a populações e atuam sobre geradores de variabilidade/novidade: Mutações genéticas, novas conexões neuronais, invenções. A “máquina darwiniana”¹⁰ seleciona entre o leque de novidades, sendo essa escolha alimentada pela viabilidade e capacidade de reprodução dos indivíduos e/ou das populações identificadas sob o novo caráter (sempre em um âmbito ambiental).

Seus sistemas de aprendizagem não são dirigidos e/ou tem uma auto-criação contínua, arrastam consigo os ambientes de uma história irreversível, que têm seu modo próprio de encarnar essa memória historicista.

¹⁰ In “O Que É O Virtual?” – p. 101.

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Cor da fonte: Automática

Formatado: Fonte: Negrito, Itálico

Formatado: Nível 2, Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Lévy mostra a amplitude de arremate que as “máquinas darwinianas” exercem na seguinte afirmação:

"Os princípios dos sistemas darwinianos aplicam-se ao mesmo tempo à ecologia das espécies vivas, entre os grupos humanos considerados como meios de desenvolvimento das representações, à economia do mercado (populações de produtores, de consumidores de bens), ao psiquismo individual entendido como sociedade de pensamentos e de módulos cognitivos; aplicam-se ao funcionamento do cérebro, enfim, compreendido segundo os princípios do darwinismo neuronal" (LÉVY, 1996; p.102).

Assim, podemos refletir que o *Dasein* é uma potente “máquina darwiniana”, uma vez que, dentro deste amplo leque de variabilidades postadas através de sua convivência com o meio e sua cultura, a própria Clareira do Ser, a abertura da existência, em direção à sua Verdade do Ser existente, o *Dasein* fará as atualizações necessárias deste amplo leque de variabilidades externas, as escolhas que garantam sua auto-criação e o devir-humano – ou melhor, o devir-*Dasein* -, garantindo também a perpetuação das sociedades humanas, dos coletivos humanos.

No entanto, Lévy atenta para um importante detalhe na reflexão sobre a idéia das “máquinas darwinianas”:

"Sua natureza é traduzir o outro em si ou implicar em sua própria organização a história de suas relações com o ambiente. Em compensação, nada, na definição geral das máquinas darwinianas, implica necessariamente a experiência subjetiva, a dimensão da interioridade da sensação, isto é, em última análise, a afetividade" (LÉVY, 1996; p.103).

É neste ponto que a afetividade ganha um grau de importância elevado na questão das “máquinas darwinianas” e suas relações com a alma como externalidade ex-sistente. Voltando para o sentido semântico da palavra afeto, vemos que ela tem sua gênese do latim *affectus* e significa¹¹ uma disposição de alma, num âmbito psicológico, temos que afeto é aquilo que age sobre um ser. Minados da significação do termo afeto, poderemos correlacionar esta definição com a seguinte contestação de Lévy:

"Um espírito pode ser inconsciente, como o espírito de certos animais, como uma parte considerável do espírito humano [...]. Quanto à afetividade, que pode ser confusa, inconsciente, múltipla, heterogênea, ela constitui - contrariamente à consciência - uma dimensão necessária do psiquismo e talvez até sua essência. Sem afetividade, o sistema considerado retorna a insensibilidade, à exterioridade e à dispersão ontológica do simples mecanismo. Um espírito deve ser afetivo, ele não é necessariamente consciente. A

Comentado [F11]: Como já lhe disse, acho muito complicado fazer analogias entre dois sistemas de saberes diferentes. Mas fica por sua conta e risco por ocasião da banca! A Questão é que você faz comparação do *Dasein* e das máquinas darwinianas de maneira bem direta, quase coincidente. Reflita sobre isto!

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

¹¹ GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL, São Paulo: Nova Cultural, 1998 - p.92.

consciência é o produto da seleção, da linearização e da manifestação parcial de uma afetividade à qual ela deve tudo" (LÉVY, 1996; p.103-104).

Encontramos aqui o fator que diferencia a alma/espírito do Dasein de puras e simples “máquinas darwinianas integralmente mecânicas”: a afetividade.

Podemos, a partir da linha de raciocínio que seguimos até aqui, dizer que a afetividade é o ponto fundamental/essência do psiquismo, aquilo que age sobre ele, pois as relações de observar as problemáticas virtuais e promover atualizações (traduzir o outro, o meio, a cultura em si) dependem de quão viável é isso para reprodução idiossincrática e/ou de seu (sub)grupo social em questão (sempre apontando para o ambiente), ou seja, é de acordo com a afetividade que o Ser tem com as problemáticas que ele fará as atualizações viáveis, de acordo com sua disposição.

Por conta de a afetividade ser difusa, heterogênea e múltipla, podemos "acariciar"/ter afinidade com várias virtualidades. É, ~~é~~ nesse sentido que entra a consciência, a intencionalidade, como um foco positivo perante as virtualidades, a atualização em questão, como o resultado das atualizações feitas, o Ser consciente como o Ser atual.

Contudo, ressaltaremos aqui que estas escolhas ressoadas nas variabilidades das potências existentes na Clareira do Ser, em afinação com sua Verdade, não fazem alusão, em hipótese alguma, a quaisquer práticas ou culturas de finalidades eugênicas. Quando expomos a respeito da afetividade como ponto crucial do psiquismo, a questão da viabilidade que determinadas problemáticas virtuais - e suas respectivas atualizações têm nas reproduções idiossincráticas e/ou grupais – não acata as idéias de preservação das espécies mais bem adaptadas ao seu respectivo meio ambiente, a um movimento de exclusão daqueles que não fizeram as escolhas corretas dentro da virtualidade disposta.

Na verdade, a ideia disposta aqui a respeito das “máquinas darwinianas” nos remete sim a escolhas, mas escolhas referentes ao nó de forças promovidas pela virtualidade; como a virtualidade é um emaranhado de potências, tendências difusas, a disposição de uma determinada atualização não exclui as outras agitações que continuam presentes na problemática

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Comentado [F12]: Gostaria de dialogar mais estas questões contigo. Me assusta um pouco o seu talento de escrever bem e de ser convincente! Quero debater com vagar o que você quis dizer, o qual me parece bem fácil é claro em demasia!!!....

virtual, uma vez que, como já dissemos anteriormente, o virtual assemelha-se ao possível e comunica-se com ele e com os outros vértices do Quadrívio Ontológico, dada a dialética quadrática destas concepções, no entanto, os mesmos não são sinônimos, de modo que uma determinada atualização de uma problemática virtual não desmonta todo o nó tecidual da virtualidade, ao contrário, trás novas perspectivas, abre novos caminhos, novas reflexões das potências; não as exclui, adiciona novos elementos.

Ao falar de exclusão, eugenia, iríamos nos remeter às materializações concretas do real, as quedas de potenciais do possível; ao invés disso, estamos reverberando as virtualidades, as atualizações, a confusão potencial: a afinidade que o Ser pode apresentar com determinada problemática, e sua respectiva atualização, tem relação com a maneira com que este Ser está sendo arrebatado por sua Clareira, em busca de sua Verdade, no entanto, toda a energética do prisma virtual continua presente, incendiando a Clareira do Ser, a cada nova relação com sua Clareira, novas atualizações poderão ser feitas, numa espiral potencial infinita, sem eugenias ou exclusões.

5.6 Alma e Abertura Externa

Retornando às idéias de Heidegger sobre a ex-sistência do homem – alma/espírito - é enquanto ex-sistência historial, temos que ela é historial por conta do afetamento sofrido pelo processo sócio-cultural ao longo do tempo, mas também é historial pela capacidade de conter marcas dos momentos atuais, da cultura contemporânea globalizada, tendo aqui como destaque principal a virtualidade proposta pela emergência e consolidação da Internet como mediadora das esferas sócio-culturais e econômicas.

Sendo a alma um processo constante de modernização, de acordo com o meio e a cultura na qual esta mergulhada, Lévy atenta para os malefícios da estagnação deste engendramento, um próprio *Dasein* com a afetividade de um Ente:

“Os hábitos, as habilidades, os modos de subjetivação dos grupos e das pessoas adaptadas ao mundo antigo não são mais adequadas. A mudança [...] gera, portanto, quase necessariamente um sofrimento. Enrijecer-se contra esse sofrimento, negá-lo, desconhecê-lo, observar apenas seus aspectos negativos só irão aumentar a parte inevitável da tristeza. Como limitar o sofrimento? Acompanhando lucidamente a transformação, ou, melhor, participando do movimento” (LÉVY, 1999; p.218).

Formatado: Fonte: Negrito, Itálico

Formatado: Nível 2, Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Comentado [F13]: Dasein com afetividade de um Ente! O que é isto???

Comentado [U14]: Esta frase está em ressonância com a citação logo abaixo dela, tem a ver com uma questão mais de sentimento existencial. Uma pessoa que possui hábitos, habilidades e modos de subjetivação que não condizem com o andamento do mundo no qual vive e tenta negar, desconhecer ou enrijecer perante este movimento poderia ser considerado como um Ente perante a todos os Daseins que o rodeiam. Captou a viagem maluca?

A estagnação deste movimento anímico de interação com a cultura e o meio vai justamente de encontro com aquilo que Heidegger explanou sobre o poder nadificante do Ser. Precisamos estar bem atentos com relação a este jogo de poder quando pensamos na alma quanto uma entidade externa, pois o nada também se desdobra no Ser se este não for o objeto primado do pensamento, automaticamente, os movimentos afetivos ontológicos da alma postados em consonância com as virtualidades tornar-se-iam ônticos, ou pior, tornar-se-iam nada. Vamos contextualizar um pouco mais esta questão.

Se voltarmos à idéia vista em Heidegger de que o Ser nadifica ¹²enquanto Ser, temos que a Verdade do Ser é nadificante, o mundo não analisado a partir da Verdade do Ser, não significa nada.

Se tomarmos o sentido de que a essência/espírito (Verdade do Ser) está fora do material, está na capacidade de auto-criação das virtualidades e que o psiquismo/espírito é mais do que abertura ¹³externa, é a própria externalidade em si, temos que o externo não é nada se não pensado nas capacidades de engendramento que o virtual produz, o(a) espírito/alma/essência/Verdade do Ser não existe se não percebido a partir da atualização das auto-criações e suas apreensões num contexto afetivo, é um espírito desterritorializado, fora do "aí"

No contexto geral da escrita, mapeamos várias questões que fazem parte do estudo sobre o homem, tendo como principal destaque o binômio corpo-alma; colocamos estas questões em ressonância com a contemporaneidade do mundo globalizado afetado pelo advento da Internet, vimos como que a influência do virtual - enquanto vertente filosófica - pode afetar a significação daquilo que chamamos de existência humana e abrir caminho para uma nova concepção de Ser que abarque, ou pelo menos sirva como uma das várias formas de arrebatamento, esta potência da virtualidade; damos a este novo prisma de existencial, a esta possível ontologia atual, o nome de *Ser.com*. No entanto, não demos nenhuma explicação cabível do uso do sufixo ".com" para denominar esta nova ontologia emergente. Vamos nos ater a este paradigma por agora.

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Comentado [F15]: Será que viramos nada? Heidegger diz isto? Onde Heidegger diz isto? Se você acha, fundamentalmente no autor para não virar algo opinoso!

Comentado [U16]: Isso diz respeito à questão do poder nadificante do ser, que está retomada exatamente no parágrafo abaixo, com sua conseqüente referência bibliográfica no rodapé

Comentado [F17]: retome as citações

Comentado [F18]: quem disse isto? Acho uma maneira muito lógica demais de se pensar!

Comentado [F19]: Acho meio idealismo da sua parte. Uma pessoa ausente de si, mergulhada na cotidianidade, não sei se está fora do aí...

Comentado [U20]: Na verdade, o "fora do aí" diz respeito a questão anímica, e não a corporeidade, embora as duas questões tenham imbricamentos. E a cotidianidade pode ser vista como uma maneira pela qual o indivíduo atualizou seu jogo virtual, mesmo que a própria cotinianidade tenha em si uma forte energética do nível do real, o que pode prejudicar na obtenção de novas formas de atualização da virtualidade potencial.

Comentado [F21]: Esta parte da alma, achei bem reflexiva sua mas você as coloca de forma categórica. Eu as reescreveria como questões ou tematizações suscitadas. É bom ver seu raciocínio fluído mas fica meio solto, sem fundamento aprofundado no autor. Vamos repensar a escrita, senão vira um certo generalismo. Cada parágrafo seu dá um capítulo e, embora provocante, fica difícil de fixar uma reflexão em cima. Vamos trabalhar em cima para ter mais consistência!

¹² In "Carta Sobre O Humanismo" – p.78.

¹³ P. 47 deste trabalho.

6. O SUFIXO “.COM” ENTENDIDO COMO REPRESENTAÇÃO DA CULTURA CONTEMPORÂNEA ARREBATADA PELA VIRTUALIDADE

6.1 Contextualização da Virtualidade,

Como já dissemos no início de nosso trabalho conversa, estamos rodeados por produtos recorrentes do processo de molde da sociedade a partir da pulsante cultura contemporânea afetada pelas influências da Internet –

Formatado: Nível 1

Formatado: Nível 2, Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Fonte: Negrito, Itálico

Comentado [F22]: Escrita não é conversa. Ninguém está mostrando o verso do que você escreve, imediatamente, para você!

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

computadores, celulares com acesso à rede, Bluetooth, redes wi-fi, entre tantos outros produtos -, falamos também sobre a velocidade de arrebatamento desta cultura digital, desta era digital a qual estamos vivendo e fazendo parte. No chamado “senso comum”, esta era recebe o nome de *mundo virtual*, no entanto, ao longo de nossa discussão, vimos que o conceito de virtualidade não é sinônimo de digitalidade, não são termos homônimos, mas que possuem importantes correlações.

Observamos que o virtual faz alusão para o nó difuso de tendências, aquilo que há em potência e não em ato, o jogo vetorial de forças; dentro desta concepção a respeito da virtualidade, construímos uma linha de raciocínio na qual a digitalidade, tendo como o representante mais reluzente a Internet e sua capacidade de armazenamento informacional como derivados da capacidade cognitiva humana de reter informações, aparece como a forma mais fecunda de virtualização/atualização na qual a humanidade já presenciou, viveu, sentiu, participou, foi sujeito da ação.

O primado da Internet e suas digitalidades são vistas como potente e revolucionária ferramenta, capaz de abrir novos horizontes de compreensão no que diz respeito aos âmbitos sociais, econômicos, culturais, comunicacionais, territoriais, temporais, de entretenimento e antropológicos. Se a virtualidade proposta pelo advento da Internet e seu universo cibernético é capaz de adentrar em novas visões e caminhos sobre a esfera antropológica, temos que a virtualidade consegue afetar a nossa concepção do humano, do corpo humano, do ser humano – tópico este que, aliás, já relevamos ao longo do trabalho -. Se este arrebatamento virtual consegue afetar a percepção até então consolidada sobre a constituição do Ser, nada mais justo que observarmos com atenção a estes movimentos causados pela virtualidade – tanto em sua vertente filosófica, quanto em seu fator técnico – digital e analisar as aberturas de existência que estes movimentos nos trazem, as possibilidades ontológicas; é neste ponto que está postada a explicação da utilização do termo Ser.com para codificar uma nova potência ontológica dentre as várias possíveis pelo arremate virtual. Discorremos que é a importância da Internet como dispositivo virtualizante do mundo globalizado contemporâneo que serve de parâmetro na utilização desta terminologia para identificar este Ser, mas ainda fica a pergunta: qual a relação entre o sufixo

“.com” e a caracterização desta potente ontologia? É sobre isto que irnos transcorrer a seguir.

6.2. A Função dos Domínios.

Como já sabemos e relevamos quando abordávamos a questão do Ciberespaço¹⁴, a Internet é um sistema digital que funciona em rede, não é uma infra-estrutura em si, mas uma maneira de se utilizar as infra-estruturas existentes, um lugar no qual se digitalizam e se sinergiam as informações, um local de comunicação a partir da interconexão dos computadores, sem centros, rotas, apenas nós, bifurcações, entrelaçamentos.

Por conta deste imenso contato mundial entre praticamente todos os computadores através de uma rede que não tem um centro e sim um labirinto, instituiu-se nesta rede digital o conceito de *domínios*, que nada mais são do que *nomes* que são concebidos na *intenção de localizar, identificar e agrupar diferentes conjuntos de computadores* presentes nesta astronômica rede; intentou-se, com a criação dos domínios, o objetivo de facilitar a vida das pessoas que se utilizam da Internet, facilitar a memorização dos endereços eletrônicos dos computadores, caso contrário, ter-se-ia a obrigação de decorar seqüências numéricas intermináveis para os acessos nesta rede (a lembrar, a Internet funciona a partir de uma enorme matriz de banco de dados).

A saber, para que um determinado domínio seja efetivado é preciso que no mínimo dois servidores *DNS* – sigla originária do inglês *Domain Name System*, ou traduzindo, *Sistema de Nomes de Domínios*, utilizada para falar do sistema de gerenciamento dos nomes na Internet de forma organizada e distribuída - conectados à Internet e já esquematizados para o referido domínio requisitado.

Cada domínio, ou endereço na Internet, é composto por alguns nomes separados por pontos, sendo que o primeiro nome que aparece (aquele que é separado pelo primeiro ponto) é chamado de *Domínio de Topo* (do inglês *Top-Level Domain*, sigla *TLD*) – são estes, aliás, que se comunicam primeiramente com o DNS, transformando-os nas seqüências numéricas aos quais eles

Formatado: Cor da fonte: Automática

Formatado: Fonte: Negrito, Itálico

Formatado: Nível 2, Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Cor da fonte: Automática

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Formatado: Fonte: Negrito, Itálico

Formatado: Fonte: Itálico

¹⁴ As informações contidas, a partir deste ponto, neste capítulo, foram extraídas do site do Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR <www.nic.br>, comitê gestor da Internet no Brasil, e podem ser acessadas com maiores detalhes neste mesmo endereço, a título de uma maior especialização no assunto.

pertencem, que lhe são de direito, seqüência numérica esta que recebe o nome de *Internet Protocol*, ou traduzindo, Protocolo de Internet (IP).

Neste contexto apresentado, o “.com” é considerado como o ***TLD mais utilizado nos DNS’s no mundo atual da Internet.***

A título de conhecimento, quando adicionamos o nome “.br”, por exemplo, seguido do nome “.com”, estamos afunilando em meio a esta rede para achar endereços do Brasil na Internet, pois já que os domínios são usados para agrupar diferentes conjuntos de computadores espalhados pela rede, quando nos referimos ao nome “.com.br” estamos retornando ao DNS para localizar os diferentes domínios brasileiros, assim como o “.com.pt” diz respeito aos domínios portugueses, o “.com.jp” aos japoneses, o “.com.es” aos espanhóis, entre tantos outros possíveis.

Lógico que existem outros tipos nomes de TLD que também são muito utilizados dentro do Ciberespaço, como por exemplo, o “.net”, o “.org”, o “.info”, o “.gov”, o “.edu”, o “.coop”, o “.biz”, entra tantos outros nomes de TLD bastante utilizados no espaço cibernético, no entanto nenhum destes TLD’s conseguiu abarcar uma amplitude de localização e comunicação tão importante quanto o “.com”.

6.3. Alusão em Meio à Contemporaneidade.

Desta maneira, nada melhor do que se utilizar do TLD mais utilizado em todo o Ciberespaço para compor uma terminologia que faça referência a esta ontologia de afetamento virtual através da, talvez, maior técnica/ferramenta virtualizante na qual a humanidade se fez presente, ou é sujeita de sua própria ação ou está imersa: a Internet e suas digitalidades.

Com este terreno fértil em mãos, conseguimos discorrer sobre a razão do porque da terminologia *Ser.com* conseguir caracterizar de forma bastante clara e concisa a influência que as potências virtuais contemporâneas exercem sobre o Ser.

Mais do que isso, percorremos um caminho no qual o binômio corpo-alma foi relevado como importante objeto de estudo para a abrangência da intensidade e força desta influência virtual naquilo que se refere às concepções vigentes, até então, sobre a compreensão do humano, diferenciando, para tanto, diferentes conceitos presentes no Quadrívio

Formatado: Nível 2, Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Cor da fonte: Automática

Formatado: Fonte: Negrito, Itálico

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Ontológico proposto por Pierre Lévy e embasando todos estes achados com boa parte do estudo fenomenológico-existencial e hermenêutico de Heidegger.

Nos falta nos, agora, pensarmos sobre como-que, no final das contas, como-que vamos efervescer, brotar, emergir esta potente ontologia do Ser.com a partir de todas estas questões levantadas até aqui no decorrer do trabalho; é a este ponto que vamos nos ater por agora.

7. A EMERGÊNCIA ONTOLÓGICA DO SER.COM

7.1 Introdução

Formatado: Nível 1

Formatado: Cor da fonte: Automática

Formatado: Fonte: Negrito, Itálico

Formatado: Nível 2, Recuo: Primeira linha: 0 cm

Contudo, antes de iniciarmos esta ~~conquista-explanação~~ e concomitante prólogo sobre a emergência ontológica do Ser.com, vamos discutir a respeito de um dos grandes vértices angustiantes quando nos referimos ao estudo/reflexão sobre Ser: o fato do *Dasein* estar, necessariamente, implicado figura do homem e não existir outro tipo de Ente que seja capaz de pensar e questionar a sua própria existência, o fato de sermos incomparáveis com relação a existência no mundo. Heidegger indaga a respeito desta angústia que assola a humanidade:

“Antes de mais, resta, enfim, perguntar se a essência do homem como tal, originalmente – e com isso decidindo previamente tudo – realmente se funda na direção do animalitas. Estamos nós no caminho certo para a essência do homem enquanto distinguimos o homem, e enquanto distinguimos como ser vivo, entre outros, da planta, do animal e de Deus?” (HEIDEGGER, 2005; p.22).

Aqui, encontramos um novo fator que pode nos ajudar a pensar sobre a caracterização do Ser para em seguida, pensarmos sobre como esta caracterização pode fazer luz ao debate a respeito da ontologia contemporânea do Ser.com: a essência da divindade. Heidegger mostra esta noção tendo como base as críticas sobre os “-ismos” e “-icas” que acabam por estrangular a meditação sobre a subjetividade do Ser, fechando a abertura existencial e causando um indubitável vazio do pensar humano. Ao estudarmos o organismo humano através do organismo de qualquer outro Ente, ou utilizando-o ~~—o organismo do Ente—~~ para fins comparativos e de determinações epistemológicas, o erro identitário e de pensamento está lançado, para isso, temos que:

“Funda-se na essência da ex-sistência [...] aquilo que atribuímos ao homem, mediante a comparação com o ‘animal’. O corpo do homem é algo de essencialmente diferente de um organismo animal. O erro do biologismo não está superado quando se junta ao elemento corporal do homem a alma e à alma o espírito e ao espírito o aspecto existencial, pregando ainda alto como até agora o apreço pelo espírito, para, afinal, deixar tombar tudo de volta na vivência da vida” (HEIDEGGER, 2005; p.24-25).

Reflexões estas que entram em consonância com a seguinte idéia:

“Não determinar a proveniência do ente como um Ente, reconduzindo-o a um outro Ente, como se o ser tivesse o caráter de um Ente possível. Enquanto questionado, o ser exige, portanto, um modo próprio de de-monstração que se distingue essencialmente da descoberta de um Ente. Em consonância, o perguntado, o sentido do Ser, requer também uma conceituação própria que, por sua vez, também se diferencia dos conceitos em que o Ente alcança a determinação de seu significado” (HEIDEGGER, 2005; p.32).

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Formatado: Fonte: 10 pt, Itálico

Formatado: Recuo: À esquerda: 4 cm, Primeira linha: 0 cm, Espaçamento entre linhas: simples

Não importa que tenhamos colocado a questão da alma intrinsecamente ao estudo do homem se este for pensado a partir de um organismo animal, a partir de um Ente, pois, afinal de contas, o *Dasein* é mais complexo do que qualquer Ente, este erro epistemológico acarretaria na obscuridade do Ser, da abertura existencial. É nesta linha de raciocínio que Heidegger coloca a essência do divino para ajudar a pensar em como poderíamos contornar este estrangulamento existencial do *Dasein* pensando unicamente a partir do Ente.

Temos que estar atentos a esta colocação, pois Heidegger diz que suas afirmações¹⁵ não são contra e tampouco a favor da veracidade de Deus, já diria ele que só podemos nomear Deus, a essência da divindade e daquilo que chamamos de sagrado se estas temáticas forem pensadas a partir da Verdade do Ser – e se elas forem realmente importantes para a construção desta Verdade, as ausências destes paradigmas também poderiam fazer alusão ao homem se estiverem no âmbito da Verdade do Ser -, nada faria sentido fora da Verdade do Ser (retomando aqui o debate sobre o poder nadificante do Ser). É a partir dos estudos sobre o significado do divino para o catolicismo que ele introduz a perspectiva do divino para ajudar a pensar a humanidade de forma diferente da vigente até então, a partir dos organismos animais; assim, lança-se a seguinte tópica:

“Provavelmente, causa-nos a máxima dificuldade, entre todos os Entes que são, pensar o ser vivo, porque, por um lado possui conosco o parentesco mais próximo, estando, contudo, por outro lado, ao mesmo tempo, separado por um abismo da nossa essência ex-sistente. Em comparação pode até nos parecer que a essência do divino nos é mais próxima, como o elemento estranho do ser vivo; próxima, quero dizer, numa distância essencial, que, enquanto distância, contudo, é mais familiar para nossa essência ex-sistente que o abissal parentesco corporal com o animal, quase inesgotável para o nosso pensamento” (HEIDEGGER, 2005; p.27).

É realmente estranho inferir que uma entidade divina, cuja qual existem intermináveis debates ao longo da história sobre sua veracidade ou utopia, possa-nos parecer muito mais próxima essencialmente do que a comparação com os outros animais, os outros Entes postados no mundo, mas no que consiste esta estranha aproximação? Posso adiantar que está muito longe de ser uma liberdade conquistada a partir da fé, como Soren Kierkegaard colocou

¹⁵ In “Carta Sobre O Humanismo” – p. 64-65.

Formatado: Fonte: 10 pt, Itálico

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

em suas idéias existencialistas; ~~torre~~onaremos a repetir que essa aproximação não tem relação com doutrinas religiosas ou com algum tipo de exaltação da fé.¹⁶

~~L~~ongue disto, esta proximidade está ligada apenas a um conceito associado ao pensamento divino no catolicismo, ao conceito de *transcendência*. Podemos ver a explanação sobre este conceito na seguinte afirmação:

“O transcendente é o ente supra-sensível. Este vale como o Ente supremo no sentido da causa primeira de todos os Entes. Deus é pensado como esta causa primeira. ‘Mundo’, todavia, na expressão ‘ser-no-mundo’, não significa, de maneira alguma, o ente terreno, em oposição ao celeste, nem mesmo o ‘mundano’ em oposição ao ‘espiritual’. [...] Mundo é a Clareira do Ser na qual o homem penetrou a partir da condição de Ser projetado de sua essência. O ‘ser-no-mundo’ nomeia a essência da ex-sistência, com vista à dimensão iluminada, desde a qual desdobra o seu Ser o “ex” da ex-sistência” (HEIDEGGER, 2005; p.63-64, grifo nosso).

Se pegarmos da gênese semântica, temos que transcendente vem do latim *transcendentes*¹⁶, que se relaciona com aquilo que se *eleva acima de determinado nível*, superior; por sua vez, este termo é derivado do verbo transcender que tem sua origem do latim *transcendere*, significando¹⁷ ser superior a algo, exceder, *passar além, ultrapassar* determinado nível.

Destarte, se pensarmos que o *Dasein* é o Ente supremo, o supra-sensível, resulta-se que *homem é um Ente que transcende*, que vai além do nível ôntico, ultrapassa os limites estáticos estabelecidos e, por conta desta força ontológica presente no Ser, ele é superior a qualquer outro Ente postado no mundo, pois nenhum outro tem a capacidade de refletir sobre sua própria existência como ele.

É neste sentido que os valores supremos relacionados, nas religiões católicas, a Deus estão muito mais próximos ao homem do que qualquer outro tipo de organismo animal. ~~A~~ essência do divino é soberana, ultrapassa os limites sensíveis, seria maior do que qualquer outra coisa, assim como o homem o é em relação aos outros animais, os outros Entes, ele é supremo, projeta seu Ser na Clareira do Ser, no mundo, ilumina esta dimensão, se relaciona com essa existência, diferentemente dos animais, que estariam aniquilados a uma condição ôntica de contato vivencial.

¹⁶ GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL, São Paulo: Nova Cultural, 1998 - p.5732.

¹⁷ Ibid., p.5733.

7.2 A Emergência Ontológica do Ser.com.

Temos agora em mãos, um mosaico **bem rico** de características que podem ser relevadas para fazer referência ao homem nesta cultura contemporânea digital globalizada, ressaltando o advento da Internet, e sua posterior consolidação como parte constituinte da civilização, como principal ferramenta técnica de re-configuração das diversas esferas de funcionamento de nossa sociedade atual, como as esferas econômicas, sociais, espaciais, tecnológicas, industriais, temporais e de entretenimento, por exemplo.

Discorremos, ao longo deste trabalho, que a virtualidade como vertente filosófica também está presente como uma característica da virtualidade no viés técnico; vimos também que o pareamento dito no “senso comum” entre o virtual e o digital – no sentido de serem termos homônimos – é errôneo, mas não totalmente abissais, uma vez que a digitalidade proposta pela Internet pode ser considerada como a maior potência virtual a qual a humanidade já foi sujeitada, mas nunca como a única a ponto dos dois termos serem sinônimos; para tal diferenciação, foi necessário que inicialmente analisássemos as alegorias e similaridades que os vértices do dito Quadrívio Ontológico – real, possível, atual e virtual – possuem, como estes vértices se comunicam e se repelem para, então, elevar o virtual como nosso objeto principal de estudo, tendo as imbricações do atual como complementaridade principal desta temática.

Com base neste quadro que evidencia bem a situação cultural da sociedade pensada por agora, utilizamo-nos de algumas idéias expressas no trabalho filosófico-tecnológico de Pierre Lévy e dos estudos fenomenológico-existenciais e hermenêuticos de Heidegger para fazer uma análise sobre algumas questões que envolvem o âmbito do humano e como estas indagações podem fazer ressonância com a influência que a virtualidade, principalmente no quesito contemporâneo da digitalidade, exerce sobre nossas vidas, sobre a forma de se pensar o homem, em como ela pode re-configurar os limites vigentes, até então, sobre os estudos da esfera antropológica, principalmente postadas nas concepções do binômio corpo-alma.

A título de compreensão deste objeto, lembremos sempre do porque a técnica também nos ajuda a pensar o humano:

Formatado: Cor da fonte: Automática

Formatado: Fonte: Negrito, Itálico

Formatado: Nível 2, Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Cor da fonte: Automática

Comentado [F23]: Cuidado com a tendência de adjetivar se auto-exaltando. Deixe o leitor te reconhecer!

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

"A técnica é um ângulo de análise dos sistemas sócio-técnicos globais, um ponto de vista que enfatiza a parte material e artificial dos fenômenos humanos, e não uma entidade real, que existiria independentemente do resto, que teria efeitos distintos e agiria por vontade própria" (LÉVY, 1999; p.22).

Objetivamos assim, a partir deste caminho percorrido, até então, que todas estas características de potências propostas para se pensar o homem contemporâneo, o Ser contemporâneo mergulhado em todas estas questões que envolvem os alcances da virtualidade no afetamento do pensar humano, possam dar voz a um início de conversa possível para se pensar o homem/Ser, possam dar voz para o começo de reflexão a respeito de uma ontologia que dá luz a todas estas temáticas de arrebatamento dos limites antropológicos e subjetivos causados pela virtualidade, ontologia proposta esta que é composta por uma terminologia que, como já explanamos sobre anteriormente, consegue abarcar de maneira plena este universo de possibilidades, de potências ao qual nós estamos imersos: **a ontologia do Ser.com**.

Com base em toda a construção de saberes que propomos aqui, o Ser.com é exatamente este Ser que transcende os limites do pensar humano, do devir-humano que estavam cristalizados ao longo da história, aquele que ultrapassa seus próprios limites corporais, anímicos, espaciais, temporais, quebra barreiras, subverte os jogos de saber/poder.

A saber, quando falamos em ultrapassagem dos limites corporais, estamos remetendo ao contorno que as tele-comunicações dão a este homem contemporâneo: ultrapasso meus limites corporais no sentido de que quando me comunico com outra pessoa pelo Ciberespaço, meu corpo não está mais preso integralmente a mim, ele também esta navegando pela Internet em um espaço digital e se atualiza nos visores dos computadores das pessoas as quais estou estabelecendo contato ao mesmo tempo, meu corpo tornou-se múltiplo e os outros corpos também e sou hipercorpo porque sou global – e os outros também o são.

Sou híbrido porque sofro o arremate dos outros corpos, eu, digitalmente, vou até eles e eles vêm até mim, não tenho mais um território delimitado, sou desterritorializado, estou em toda rede e, estando em toda a rede, estou em todo o mundo e todos também fazem parte deste entrelaçamento.

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

—E neste sentido da quebra dos limites territoriais previamente delimitados que estamos dando luz à ultrapassagem dos limites espaciais, posso me comunicar com o mundo inteiro em um mesmo espaço comum, as distâncias encurtaram-se perante o poder da virtualidade, em especial da virtualidade digital proposta pela Internet, enfim, são espaços amorfos.

Quando nos referimos da quebra dos limites temporais, estamos inferindo sobre a nova concepção de tempo que é proposta pela virtualidade digital, podemos gravar uma mensagem em vídeo e colocar no Ciberespaço e este vídeo pode ser visto e atualizado a hora que quiser.

—Meu corpo digital, no vídeo, transcendeu a barreira do tempo, tornou-se um corpo atemporal, ampliamos nossas noções de tempo e espaço, fizemos destes âmbitos potências constantes perante a virtualidade, as jogamos para o nó de tendências.

Sendo assim, estas novas concepções das esferas as quais o Ser.com ultrapassa, nada mais são do que algumas das inúmeras possíveis atualizações para estas tendências.

No que diz respeito à ultrapassagem dos limites anímicos, estamos colocando que a alma deste Ser contemporâneo está em sua externalidade, em suas virtualidades, não nos engendramentos a partir delas que o *Dasein* experimenta sua condição de mundo, sua vivência diferenciada com o mundo, experiente um estado de superioridade com os outros Entes, e de diferenciação para com os mesmos, nos livramos do simples e estático estado ôntico e nos voltamos para a rede difusa de tendências, o nó de forças, as potências em si, a própria alma em si.

Se pensarmos que é a partir dos engendramentos das virtualidades que o homem experimenta o seu estado de toda vivência com o mundo, experimenta sua ser-no-mundo, poderíamos até colocar um ponto de reflexão: seriam os produtos originários das virtualidades arrebatadoras do homem sua própria constatação anímica? Sua própria constatação de que transcendemos o Ente e nos tronamos *Dasein*?

Partindo dos pressupostos que elucidamos até agora, acreditamos que é possível que esta forma de pensar seja válida, é a partir da minha relação com o mundo que experimento meu estado de vivência, é na troca com o outro

Comentado [F24]: Fico com receio de uma dualidade entre tecnologia contemporânea e “antes”. O telefone, o martelo, a televisão, o carro, a locomotiva já cumpriam esta função de nos abrir para outras miríades do ser menos estáticas. Pense com mais vagar a respeito disto!

Comentado [U25]: Entendi sua colocação Fernando e concordo com você, mas neste caso em especial não estou fazendo comparação com o “antes”, estou colocando o estado estático em comparação com os Entes. E mesmo se estivesse comparando com o “antes”, não teria problema, pois já indaguei sobre isso no final do capítulo 5, uma negação da existência atual e solidificação para uma possível abertura podem ser indícios de um certo “estado estático” perante todo o movimento atual!

Comentado [F26]: Para mim o *Dasein* nos abre para o teleos da tecnologia, como a tecnologia recupere no archeon do *Dasein*. Precisamos refletir sobre isto.

Comentado [U27]: Não entendi, poderia ser mais claro aqui?

e a forma com que me relaciono com as coisas que percebo minha existência, meu devir-*Dasein*, meu espírito humano que vai além do organismo animal.

No contexto digital, percebemos esta troca na relação cibernética entre diversas pessoas em diversas partes do mundo; olharmos para a Internet como o produto de nosso movimento anímico ontológico e é nesta condição de Inteligência Coletiva proporcionada pela Cibercultura, que percebemos nosso estado ontológico, percebemos que somos mais do que animais e a comparação com os mesmos pelos “-ismos” e “-icas” se torna cada vez menos angustiante.

No intuito de dar um término interessante para esta nova ontologia que estamos propondo e colocando à disposição de futuras elucubrações sobre a mesma, um conceito apresentado na obra de Pierre Lévy nos parece pertinente para cartografar um importante horizonte final de compreensão de todos estes campos que circundam e incendeiam o homem contemporâneo: o conceito de *universal sem totalidade*.

Comentado [F28]: Você não sabe usar crases. Leia a respeito em algum manual de português!

7.3 O Universal Sem Totalidade

O universal sem totalidade diz respeito a uma característica particular do Ciberespaço: a de manter uma velocidade de evolução invariante paradoxal, através das novas interfaces, novas implicações sócio-culturais, aumentos de potências e com isso ficar mais universal e menos totalizável, entre outras palavras, com *menor fechamento semântico ou denominadores comuns*. Então:

"Quanto mais o ciberespaço se amplia, mais ele se torna 'universal', e menos o mundo informacional se torna totalizável. O universal da cibercultura não possui nem centro nem linha diretriz. É vazio, sem conteúdo particular. Ou antes, ele os aceita todos, pois se contenta em colocar em contato um ponto qualquer com qualquer outro, seja qual for a carga semântica das entidades relacionadas" (LÉVY, 1999; p.111).

Com isso, Lévy resgata a evolução das sociedades¹⁸ ao longo da história pela distribuição da informação. Nas orais, as informações eram transmitidas no mesmo tempo e lugar da emissão. Com a escrita, essa informação ficou desterritorializada, podia-se ter acesso a informações produzidas a quilômetros de distância, produzidas por pessoas mortas ou muito diferentes

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Fonte: Negrito, Itálico

Formatado: Nível 2, Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

¹⁸ In “Cibercultura” – p.114.

culturalmente; já com o advento da telecomunicação informacional, acontece uma nova evolução:

"As mídias de massa: imprensa, rádio, cinema, televisão, ao menos em sua configuração clássica, dão continuidade à linhagem cultural do universal totalizante iniciado pela escrita. Uma vez que a mensagem midiática será lida, ouvida, vista por milhares ou milhões de pessoas dispersas, ela é composta de forma a encontrar o 'denominador comum' mental de seus destinatários. Ela visa os receptores no mínimo de sua capacidade interpretativa" (LÉVY, 1999; p.116).

Considerando que o verbete "total" vem do latim *totalis* e significa o a reunião das várias partes que forma um todo¹⁹, concluímos que "essa universalidade desprovida de significado central, esse sistema da desordem, essa transparência labiríntica, chamo-a de 'universal sem totalidade. Constitui a essência paradoxal da Cibercultura" (LÉVY, 1999; p.111).

Antropologicamente falando, o universal sem totalidade fala sobre uma maneira presencial da humanidade, cujos *padrões e limites do humano não estão fechados*, sujeitos sempre a *transformações e atualizações*, o *sistema do caos*, um *labirinto infinito*, a amplificação da dinâmica das sociedades orais em níveis jamais vistos.

Exatamente o que buscamos contextualizar ao longo de toda a escrita, o sujeito contemporâneo caracterizado pela ontologia do Ser.com é um sujeito que se percebe como potência, que existe enquanto potência, sem contar mais com os padrões e limites pré-estabelecidos previamente, que transcende os limites a respeito de pensar humano, do pensar sobre o humano.

De maneira a conclamar todas estas indagações a respeito da ontologia do Ser.com, podemos nos utilizar das seguintes frases proferidas por Lévy:

"O principal evento cultural anunciado pela emergência do ciberespaço é a desconexão desses dois operadores sociais ou máquinas abstratas [...] que são a universalidade e a totalização. [...] o ciberespaço dissolve a pragmática da comunicação [...] nos leva, de fato, à situação existente antes da escrita - mas em outra escala e outra órbita" (LÉVY, 1999; p.118).

Resumindo:

"O universal não se articula mais sobre o fechamento semântico exigido pela descontextualização, muito pelo contrário. Esse universal não totaliza mais pelos sentidos, ele conecta pelo contato, pela interação geral" (LÉVY, 1999; p.119).

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

¹⁹ GRANDE ENCICLOPÉDIA LAROUSSE CULTURAL, São Paulo: Nova Cultural, 1998. p.5720.

CONCLUSÕES

8. CONCLUSÕES

8.1 Antropocentrismo Contemporâneo

Devemos lembrar sempre ~~de~~ que quando falamos de uma possível ontologia do homem mergulhado nas influências da Internet e suas virtualidades, a qual denominada de Ser.com, estamos falando indubitavelmente de uma *forma de existência*.

Quando Heidegger propôs em seus estudos sobre o Ser e sua essência - a relação que ele tem com as coisas, com os outros e com o mundo - um delineamento do mesmo através dos chamados *existenciais*, ele tinha como foco estudar a existência do homem e, a partir do estudo dessa existência observar a essência do Ser. Todas as ontologias em que ele apoiou-se através de seu enfoque hermenêutico e fenomenológico-existencial, tinham como propósito primordial a análise das formas de existência do *Dasein*.

Retornando ao sentido do ontológico, vimos que ele se refere à abertura da vivência, ao movimento do conjunto de possibilidades para a existência; conclamamos assim, uma ontologia que abarcasse boa parte deste conjunto de possibilidades para a existência, causado pelo afetamento vertiginoso da virtualidade perante a humanidade, mas não nos enganemos, estamos falando da existência, e necessariamente da existência humana.

Se estivermos propondo um novo existencial de análise, uma nova ontologia, então é porque delineamos uma possível forma de pensar o homem postado neste mundo contemporâneo, toda nossa linha de percurso feita até aqui teve como principal objeto pretendido o homem e seu binômio corpo-alma contemporâneos.

Quando explanamos sobre o porquê do uso do sufixo “.com”, aliado ~~à~~ questão do Ser, partimos do pressuposto de que a digitalidade proposta pelo advento e consolidação da Internet, como principal ferramenta técnica de re-configuração dos diferentes setores de funcionamento da sociedade, talvez seja a maior potência virtual na qual a humanidade pode presenciar, o maior produto originário das atualizações virtuais humanas - cuja gênese é a ampliação da capacidade cognitiva humana de guardar informações.

Formatado: Nível 1

Formatado: Alinhamento vertical: Centralizar

Formatado: Fonte: Negrito, Itálico

Formatado: Nível 2, Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

—, nNo entanto, diferentemente de Nicholas Negroponte²⁰, que foca a esfera da “antropologia cibernética”, que afirma que a influência da Internet nos dias atuais chegou a tal ponto de força e arroubo dentro da sociedade, que estaríamos sendo espectadores do início da passagem de uma nova era na qual constatar-se-ia a passagem dos átomos para os *bits*²¹ - ou em outras palavras, do material para a informação digital -; não queremos aqui fazer parte de uma conspiração da exaltação do não-real, da utopia digital, não temos a intenção de construir um campo teórico de destruição do humano, das ruínas da subjetividade, muito pelo contrário.

Utilizamos-nos, sim, da digitalidade provinda da Internet para exemplificar e constatar os nossos dizeres, para mostrar como que as virtualidades estão presentes em nossas vidas, tendo como principal base o nosso maior produto virtual que é a Internet.

—eEntretanto, toda nossa construção de saberes tinha como referência principal a figura humana, todas as nossas indagações passavam necessariamente pelo objeto de estudo que realmente nos interessa aqui: o ser humano.

Nossa intenção—aqui foi sempre de tentar entender como que toda essa virtualidade, principalmente em sua vertente digital, pode afetar a forma de se pensar o homem, pode afetar a forma de existência do homem, mas nunca no sentido do desaparecimento do humano, nunca fazendo referência a movimentos utópicos; sempre ressaltamos a potência do humano como produtor das atualidades técnicas, como o único mediador possível e potente dentro da energética difusa virtual, somos os controladores deste barco, buscamos nosso próprio crescimento e desenvolvimento existencial.

—Já dizia Lévy que "permitir que os seres humanos conjuguem suas imaginações e inteligências a serviço do desenvolvimento e da emancipação das pessoas é o melhor uso possível das tecnologias digitais" (LÉVY, 1999; p.208).

²⁰ In “Cibercultura” – p.214.

²¹ Simplificação do dígito binário *Binary Digit*, em inglês. É a menor unidade de informação que pode ser armazenada ou transmitida dentro do Ciberespaço, segundo a Teoria Matemática da Comunicação, que lida com ramos da probabilidade e da estatística nos sistemas de comunicação e transmissão de dados. Um bit só é capaz de armazenar, no máximo, 2 valores, como 0 e 1, por exemplo.

É neste contexto de enaltecimento dos valores humanos que podemos inclusive inferir que caminhamos em passos firmes a um estado máximo de Iluminismo e Antropocentrismo em favor do social, dos saberes.

O homem está mergulhado em todo esse contexto antropológico de Luzes, da razão, da exaltação dos saberes, do contexto social de desenvolvimento: uma busca pela união através da Inteligência Coletiva. Talvez o Ser.com seja um dos pontos mais altos de valorização do ser humano (quicá o maior), reconhecimento de suas idéias, prestígio por seu saber, entrelaçamento das diferenças do saber.

Podemos, então, considerar que o Ser.com é mais do que um resgate, é a **maior forma de Antropocentrismo vivida na humanidade**. No entanto seria um Antropocentrismo virtual, desterritorializado, "Moebiuizado", com heterogênesse e interatividade.

8.2. O Advenço do Ser.com e a Psicologia

Se podemos dizer que estamos presenciando a provável maior forma de Iluminismo e Antropocentrismo ao longo de toda a história da humanidade, a maior forma de exaltação do homem; podemos discutir então sobre o papel da psicologia na análise deste Ser potente e transcendente que é o Ser.com.

Devemos lembrar, para isto, que o principal foco da psicologia se encontra no indivíduo, no estudo de seus comportamentos, seus processos mentais, suas experiências subjetivas, seu sistema de convicções, seus sentimentos, seus pensamentos, suas sufocantes angústias, enfim, todos os fatores que circunscrevem a esfera de análise do indivíduo.

Destarte, se a psicologia pensa o sujeito a partir dos fatores que possam exercer influência na construção de sua subjetividade, de sua construção de Ser e, além disso, se a virtualidade é o nó de tendência e forças difusas, as potências que são capazes de afetar a construção e concepção do binômio corpo-alma, se consegue ultrapassar os limites estabelecidos para as significações das coisas relacionadas ao âmbito humano, então a psicologia pode ter um novo terreno fértil de análise do ser humano, um campo de reflexão no qual se percebe o homem a partir de suas potências virtuais.

Formatado: Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Fonte: Negrito, Cor da fonte: Automática

Formatado: Nível 2, Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Cor da fonte: Automática

Formatado: Fonte: Negrito, Cor da fonte: Automática

Formatado: Cor da fonte: Automática

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

Assim, estamos caminhando em *uma nova e possível maneira de se pensar os processos de subjetivação*, pensando-os a partir das escolhas que irão se derivar das atualizações feitas a partir das virtualidades.

Como já debatemos aqui, aquilo que chamamos de identidade de determinado objeto se dá a partir da forma em que os possíveis vetores energéticos, os quais podem estar associados à identidade da entidade em questão, irão se atualizar no processo de constituição da subjetividade.

Em outras palavras, quando determinado indivíduo explora o que, para ele, seria o significado de instituições como o amor, alegria, tristeza, solidão, raiva, depressão, paixão, entre tantos outros sentimentos e/ou estados emocionais, esta exploração se concebe a partir dos processos de significação que estão presentes em cada uma destas referências, se concebe a partir do afeto que cada sujeito terá com determinada virtualidade que ele fará as referidas atualizações identitárias destes sentimentos, aquilo que ele denomina como sendo a característica de determinada emoção, passa pelo procedimento de constituição idiossincrática, pelo procedimento virtual.

Os comportamentos de determinada pessoa segue esta mesma linha de pensamento: se um indivíduo gera certos tipos de comportamentos perante determinada situação, perante apropriados estímulos motivadores para tal, perante o meio ao qual está imerso; é porque as atualizações feitas em seu processo subjetivo, por conta do afetamento particular de determinados estímulos, produziram os referidos comportamentos.

Assim, temos a noção de que os comportamentos também são resultados dos atravessamentos das virtualidades na edificação do humano. Uma outra, porém não menos fascinante, noção que brota desta reflexão é a de que os produtos referentes da atualização do nó de tendências virtuais não precisam ser necessariamente técnicos, não precisam ser necessariamente materiais, maquinários.

Nossos comportamentos, nossos sentimentos, nossos estados emocionais, nossos devires que surgir-se-ão de acordo com os/as estímulos/contingências em questão, também são produtos de nossas atualizações virtuais.

Assim dizendo, também são frutos de nossos processos de subjetivação.

Lembremos: agimos como “máquinas darwinianas”, nosso combustível é o afeto: o produto bruto que recebemos são as virtualidades e suas formas de arrebatamento: nosso funcionamento/engendramento se dá a partir das escolhas que estabelecemos no determinado momento perante a virtualidade: nosso produto final são as atualizações resultantes de todo maquinário referente: o consumo destes produtos são os processos de subjetivação: as características que damos para os diversos sentimentos/comportamentos/estados emocionais/processos mentais que assolam e circunscrevem são aquilo que chamamos de homem.

Neste contexto, Θ método fenomenológico-existencial se mostra bastante útil para a psicologia nesta maneira de se pensar o homem, a “volta às essências” a partir do exame do fenômeno (aquilo que se mostra, revela) – de acordo com a proposta idealizada por Husserl – é algo que aparece como bastante benéfico nestes jogos de saberes *psis*, pois a análise das essências das significações, a busca pelo primado do sentido, implica na forma com que construímos esta significação, implica numa cartografia de todos os fatores que possam exercer influência neste processo de subjetivação, ou como recortamos no decorrer desta linha de raciocínio.

Ela implica no delineamento das possíveis virtualidades que abarcaram este indivíduo, que se atualizaram em seu modo mundano de ser, de agir, de pensar, de viver, enfim, de existir.

A psicologia tem, neste amplo campo de compreensão, um terreno fértil de reflexão sobre as esferas que circunscrevem a constituição subjetiva do ser humano.

Assim, uma possível terapia virtual não faz alusão a um tipo de análise digital ou a um *setting* terapêutico cibernético: faz alusão a uma terapia de elevação das virtualidade/potencialidades benéficas humanas e a forma como que, a partir disto, o indivíduo vai constituir a sua subjetividade perante os estímulos presentes no mundo.

Todos estes processos potentes que nos referimos para pensar a constituição da subjetividade humana, também podem passar pelo âmbito do processo de saúde-doença, pois este âmbito é uma grande possibilidade de análise da produção da subjetividade humana.

Comentado [F29]: Como?

Comentado [U30]: Não entendi sua pergunta aqui, precisaríamos conversar

Baseamos esta idéia através de uma interessante e bem didática desconstrução da palavra *doente*: de uma maneira ou de outra, a doença nos diz respeito a um estado existencial – assim como a saúde também pode ser vista como um estado existencial – e o doente é aquele indivíduo que está assujeitado por esta forma de existência.

Formatado: Fonte: Itálico

Mais uma curiosa analogia pode ser introduzida aqui: a doença pode ser vista como uma queda, mesmo que momentânea, das potências humanas, das virtualidades humanas

E, se este estado existencial nos acarreta um rebaixamento potencial, podemos dizer que, neste estado doentio, nos aproximamos, não completamente, mas apenas de uma maneira analítica, de um modo de existir com poucas atualizações, poucas potências, tal qual o modo Ente de existir.

Por isso, chamar o doente de *do-Ente* nos parece uma alternativa viável, mas por quê?

Porque a terminologia proposta de do-Ente consegue fazer reverência a uma maneira de existir caracterizada pelo rebaixamento das possibilidades ontológicas e uma aproximação – lembrando sempre que não plena, pois como diria Heidegger, somos maiores que qualquer tipo de Ente, pois somos *Dasein*, e sim apenas uma aproximação analítica, teórica – a um estado mais ôntico de existir, tal qual como é a maneira de existir do Ente, ôntica.

*

Formatado: Centralizado, Recuo: Primeira linha: 0 cm

8.3 Ser Como Criação

Formatado: Fonte: Negrito, Itálico

Estamos vivendo, sim, uma nova era, uma era da Internet como principal ferramenta técnica de construção dos espaços e âmbitos da sociedade, ela influencia sim as nossas concepções de homem contemporâneo, mas não com enganemos, o Ser.com é o dono de toda esta potência, um caleidoscópio pensante, é a partir dele, de suas virtualizações, que se constituíram os produtos aos quais nos relacionamos neste estado de ser-no-mundo, inclusive a Internet.

Formatado: Nível 2, Recuo: Primeira linha: 0 cm

Formatado: Recuo: Primeira linha: 1,25 cm

O Ser.com é o *Ser como criação*, se atualiza, cria novos produtos que fazem parte de seu processo de construção subjetiva, sejam estes produtos técnicos ou não. Estamos vivendo uma nova e emocionante era de exaltação dos valores humanos, o homem como mediador pleno de suas virtualidades.

Neste contexto, o papel da psicologia para a compreensão desta nova modalidade da humanidade se mostra como cabal.

Entender seus processos e produtos subjetivos a partir da “volta às essências” abre um amplo horizonte de futuros estudos.

Nossa intenção, neste trabalho, não foi delinear por completo esta possível ontologia, mas iniciar a abertura para este campo de discussão, pois já diria Lévy:

"Não há uma 'causa' identificável para um estado de fato social ou cultural, mas sim um conjunto infinitamente complexo e parcialmente indeterminado de processos em interação que se auto-sustentam ou se inibem. [...] Dizer que a técnica condiciona significa dizer que abre algumas possibilidades, que algumas opções culturais ou sociais não poderiam ser pensadas a sério sem sua presença. Mas muitas possibilidades são abertas, e nem todas serão aproveitadas" (LÉVY, 1999; p.25).

REFERÊNCIAS²²

Formatado: Nível 1

GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural. São Paulo: Nova Cultural, 1998. 24v.

HEIDEGGER, Martin. Carta Sobre O Humanismo. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 2ª Edição. São Paulo: Centauro, 2005. 93p.

HEIDEGGER, Martin. Ser E Tempo: Parte I. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 15ª Edição. Petrópolis, Rio De Janeiro: Vozes, 2005. 325p. (Coleção Pensamento Humano).

Formatado: Fonte: Negrito

Formatado: Fonte: Não Negrito

LÉVY, Pierre. Cibercultura. Tradução de Carlos Irineu Da Costa. 1ª Edição. São Paulo: Ed. 34, 1999. 264p. (Coleção TRANS)

Formatado: Português (Brasil)

LÉVY, Pierre. O Que É O Virtual? Tradução de Paulo Neves. 1ª Edição. São Paulo: Ed. 34, 1996. 160p. (Coleção TRANS)

VIRILIO, Paul. A Arte Do Motor. Tradução de Paulo Roberto Pires. 2ª Edição. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. 134p.

²² De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023.